

Oferta  
-0. NOV. 1993

ANO III N.º 139  
13  
DE JANEIRO  
1944  
PREÇO AVULSO  
E S C. 1 \$ 5 0

# É ESTA A "MENINA DA RADIO" !...

Leia na página 11 a primeira entrevista concedida pela nova vedeta cinematográfica

(Foto de Tony, feita expressamente para «Vida Mundial Ilustrada»)



**VIDA  
MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

DA MINHA INFÂNCIA

Às vezes penso nêles... Lembro-me do Zê Francisco, o melhor no jogo da bola, do Jesus, pacato e molengo, do Camilo, com as suas manias de bombeiro, do Guilherme, do Chico Elias e de muitos outros, dos máus companheiros de infância naquelas brincadeiras doídas da minha rua.

...De manhã iam para a escola da senhora Joaquina, lá ao pé do adro da igreja. Era uma escola pequenina, de degraus falsos e traço de igreja. A senhora Joaquina tinha uns trinta anos e um aspecto cansado, doentio. Dizia-se que o noivo morrera, mesmo nas vésperas do casamento. Talvez por isso, pelo seu ar triste, quasi abortivo, nós tínhamos pena da senhora Joaquina. Nunca lhe fizemos partida alguma. E, contudo, nós fazíamos partidas a toda a gente...

...Na praça da verdura, era um reboliço enorme quando passávamos. As mulheres gritavam, amaldiçoavam-nos, os homens perseguiam-nos, com pedras e ameaças. E nós ríamos, ríamos...

...Depois, no largo do jardim, fazíamos o balanço à nossa colheita. E aparecia logo o «Cigano» com a mania da jogatina. Jogávamos ao botão ou à moeda contra a parede ou ainda ao berlinde. Mas, de qualquer maneira, o «Cigano» ganhava sempre...

...Nunca soubemos o nome dele. Aparecera numa feira, com os homens dos cavalinhos e por ali ficara. Era bexigoso e não queria trabalhar. Passava as tardes estendido na relva do jardim, de barriga para o ar. E quando o guarda aparecia, ele não se amedrontava. Olhava-o com uns olhos maus, levantava-se vagarosamente e ia-se embora, deitar-se, no outro lado do jardim...

...Não gostávamos da sua companhia mas ele fazia-nos falta, quando não estava connosco. O «Cigano» sabia histórias de todo o mundo. Contava-nos as coisas ao vivo. Gritava, fazia caretas, dava uivos e acabava sempre com o mesmo estribilho: «Foi bestial!»

Para ele, todas essas histórias tinham sido «bestiais». E nós, quando iam ao cinema e víamos os filmes de «cow-boys», com pancadaria e heroísmo, perigo e aventura, lembrávamo-nos sempre das histórias do «Cigano»... Talvez tivéssemos até a impressão de que ele entrava também no próprio filme...

Às vezes, penso nêles... Nesse grupo de garotagem, onde nos reuníamos todos: filhos de médicos e de sapateiros, meninos bons e meninos maus...

...Depois, os nossos caminhos divergiram na encruzilhada da vida. Poucos realizaram o seu sonho. Outros desapareceram. O Guilherme suicidou-se...

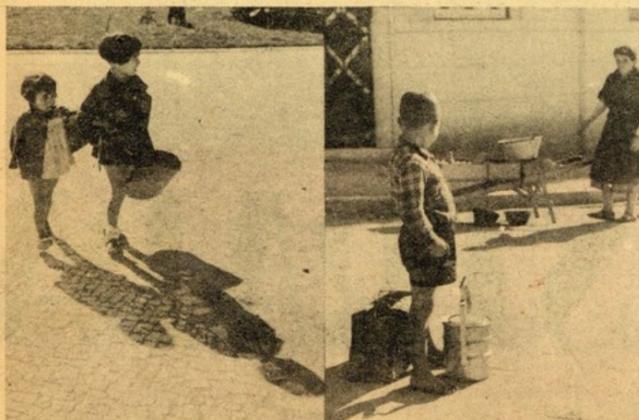
...Há dias, encontrei o «Pau Preto». «Pau Preto» chamávamos nós a uma gaiata que morava em frente da minha casa. Ela era filha duma carvoeira e andava sempre suja de carvão...

...Conhecemo-nos logo, apesar dos quinze anos que se tinham amontoado entre nós. Apertámos as mãos efusivamente. E foi tudo. Já não éramos os mesmos. Dissemos palavras ócas, cerimoniais, talvez com vergonha um do outro. Eu vi nela uma rapariga bonita, elegante, atraente. Ela já não viu em mim o mesmo garoto de joelhos esfogados pelos desafios da bola e de cabelos emaranhados pela falta de pente...

...Já não éramos os mesmos. Deixei-a partir e fiquei com saudades da outra, daquela menina suja que me apedrejava e arranhava quando eu lhe chamava «Pau Preto»...

GENTIL MARQUES

NA HORA DO ALMOÇO...



EM 1907, QUANDO AINDA SE ACREDITAVA NA PAZ...

EM 1907 os habitantes de todo o mundo civilizado acreditavam na paz — na paz eterna entre os povos. Nessa altura, fins do ano de 1907, ninguém poderia supor que em 1914 o mundo seria revolvido por uma das maiores catástrofes de todos os tempos, nem ninguém poderia supor, de igual modo, que em 1939 havíamos de assistir à trágica repetição, mas em escala maior ainda, dos horrores desses quatro anos infernais.

Em 1907 ainda não existia a S. D. N. Mas já os homens de Estado deixavam os seus países para se reunirem em conferência e estudarem a maneira de evitar a eclosão de possíveis conflitos. Os homens, cada um por si, sempre foram uns bem intencionados. As duas conferências de Haia não provam outra coisa. Hoje, em que o canhão tróia sem cessar, tem um travo melo humorístico meio trágico, a transcrição de um bocadinho de uma reportagem publicada nessa época. O mundo inteiro tinha os olhos postos nos homens que se reuniam em Haia. Rui Barbosa, o delegado do Brasil na conferência, chegava naquele dia a Lisboa. E Lisboa inteira acorreu no cais para o receber e aclamar. Os jornais diziam, entusiasmados, vibrantes:

«O nosso redactor chegou a bordo pouco depois do Araguaya ter fundeado, sendo a primeira pessoa que falou com o ilustre viajante, e tendo, por isso ocasião de conversar largamente com ele, antes do seu desembarque na companhia do nobre ministro do Brasil na nossa corte.

O dr. Rui Barbosa vinha, como se sabe, de tomar parte na segunda conferência da Haia, na qual desempenhou um papel preponderante, destacando a sua personalidade primordialmente naquele grande parlamento internacional da paz, a que concorreram os diplomatas mais distintos de todas as nações. Era natural, portanto, que a conversa se dirigisse para tal assunto, e que manifestássemos o desejo de ouvir as impressões que o eminente chefe da delegação brasileira trazia de Haia. Foi com uma sincera convicção que o dr. Rui Barbosa pôs em evidência o valor dos trabalhos da Conferência e afirmou a esperança dos seus resultados práticos. O futuro há-de ser um dia a organização jurídica dos estados estabelecida por forma a evitar toda a possibilidade de conflitos militares. A ideia da paz há-de triunfar no mundo.

Na manhã serena, no meio da macieira luminosa do sol nascente, estas palavras de fé, ditas pelo grande pensador americano com a mais nobre firmeza, soavam-nos como uma doce profecia.

Chegou um compatriota do dr. Rui Barbosa e de sua esposa, ambos filhos da Bala, que trouxeram dois belos ramos de flores de Portugal para ofertar às senhoras. Madame Rui Barbosa, aspirando o seu perfume, dizia encantada:

— Ah! o cheiro das flores da Europa!

E esse cheiro, menos intenso que o das orquídeas tropicais, mas puro e delicado também, exalava-se por um momento no salão do «Araguaya», e expirava, assim, numa suave redolência, o último eco da generosa promessa de paz.



COMO se sabe, a «Kodak» ainda não existia no tempo em que os Reis Magos fizeram aquela grande viagem, vindos do Oriente até Jerusalém. Todavia, poucos foram os pintores que não fixaram nas suas telas os rostos daqueles três reis. Uma vez, porém, eles apareceram-nos com grandes barbas brancas e chapéus de bico, outras, meninos imberbes, montando bcnitos cavalos brancos ou pachorrentos camélos. Tal como sucedeu com a imagem de Cristo, os Reis Magos tiveram dezenas de interpretações diferentes. Na Idade Média, por exemplo, os Reis Magos parecem aguerridos moços espartanos prontos a disputar um prémio no estádio. Esta maneira de representar os reis provém apenas de que nesse tempo, como o império romano dominava todo o mundo ci-

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

A carta que A. P., enviou para esta secção e que foi publicada na nossa página de teatro, obteve, de parte de inúmeros dos nossos leitores, o mais franco aplauso, como provam as muitas cartas recebidas até hoje na redacção, cartas que são aplausos pela maneira desassombrada com que este assunto foi tratado. Apraz-nos deixar aqui registadas estas manifestações de solidariedade, o que vem provar, uma vez mais, que as reclamações apresentadas nesta secção são de interesse geral para os nossos leitores — e não postigo por onde se espantem e discutem meras questões de vizinhança de interesse sempre muito pessoal.

\*\*\*

Viajar de manhãzinha nos carros eléctricos equivale a dizer que um bilhete de oito tostões custa pelo menos um escudo. Os condutores nunca têm trocos. «Entre agora de serviços», dizem. E como entram de serviço trazem a mala vazia. Pobre do passageiro que se atreva a puxar de uma nota de vinte escudos! Além de uma descompostura ou, pelo menos, de um outro gesto brusco, tem como certa esta res-

posta: «Tem de ir buscar o trôco a Santo Amaro».

Eu gostaria imenso de saber que culpa têm os passageiros de que os senhores condutores entrem naquele mesmo instante de serviço e, por isso mesmo, não tragam nem cinco centavos consigo. Não seria muito mais fácil, para evitar tantas massadas, que a Companhia, quando os condutores diariamente prestam as suas contas, lhes entregasse cinquenta ou cem escudos de dinheiro trocado?

A. FONSECA — Rua A. Candre Herculano, 31.

\*\*\*

Sou empregado de escritório há bastantes anos. Agora, com a nova tabela de vencimentos, eu esperava que iria receber o que a mesma tabela estipulava para os empregados com a minha categoria. Acontece, porém, que o dono do escritório, na nota que é obrigado a enviar com as categorias do pessoal, menciona o meu nome mas como empregado de categoria mais inferior, isto para não ser obrigado a aumentar-me. Não posso protestar junto dele, porque isso equivalia a ser despedido. Apelo, portanto, para o vosso jornal, certo de que fará chegar esta reclamação — que aliás é a reclamação de muitos empregados na mesma situação de que eu — junto das autoridades competentes para que se ponha termo a este abuso e a esta exploração sem nome! Desculpe não assinar, mas compreenderá a minha posição melindrosa. — UM EMPREGADO.

AS ANDANÇAS DOS REIS MAGOS...

vilizado, os Reis Magos tinham, por força, de ser bárbaros.

Veio, depois, a época clássica, e os três reis começaram a sofrer outras influências. As próprias passagens da Escritura são desfiguradas e na Catedral de Amiens está representada a destruição da esquadra de Tarso por Herodes como um dos capitais acontecimentos da viagem dos Magos, de regresso do Oriente.

No século XIV vive-se uma época de luxo, de etiquetas de corte, de séquitos pomposos. Já não é possível figurar os Reis Magos com a simplicidade de peregrinos. E eles passam a vestir como verdadeiros reis e a serem acompanhados de luzidito cortejo. No século XVI ainda Gil Vicente, obedecendo à tradição popular, não concedia aos três reis senão um pequenino séquito. Mas nas pinturas flamengas, alemãs e florentinas os Magos e o cortejo quasi apagam, com o seu fausto, a figura do Menino que dorme na palha.

A Idade Média segue-se a Renascença e uma vez mais os Reis Magos são transformados à época. Os pintores até lhe chegaram a dar caras de contemporâneos, como aconteceu com o florentino Benozzo Gozzoli que no seu quadro «Adoração dos Magos» representou toda a corte dos Medicis, com os cardiais, os seus bispos cavaleiros, os seus grandes e sumptuosos senhores.

Um pouco mais tarde, em pleno apogeu da Renascença, e motivada pela nova ideia que os homens tiveram do mundo, os Reis Magos foram de novo modificados. Vasco da Gama havia descoberto o caminho da Índia, Cristóvão Colombo arribara à América, os viajantes trazem para Lisboa, para Venesa, para Antuérpia as narrativas das suas viagens e os artistas começam a ter informações precisas sobre as pátrias nebulosas dos Oragos. Se eles representavam as três grandes raças humanas, porque não havia um deles de ser negro? E, de repente, o Gaspar surge negro de carvão.

Foi apenas no século XIX que os Reis Magos se aproximaram da verdade. Publicaram-se eruditas e minuciosas reconstruções históricas sobre a vida romana, grega e hebraica. Para se pintar os Reis Magos já não se recorre à imaginação. Compare-se o quadro de Sequeira, nas Janelas Verdes, com os quadros góticos e flamengos. Veja-se ainda Tissot, que, para fazer a sua tela, viveu doze anos na Palestina. Os Reis Magos reencontraram-se após tantas e tantas transformações. Quando, pacatamente sentados à mesa, comemos o bólo-rei à procura do anel ou da fava, nem de longe imaginamos as andanças sem conta que os pobres Reis Magos passaram até chegar aos nossos dias...

VAMOS COMER!...



É uma varinha mágica: do meio-dia, até à uma hora, todos largam o trabalho e se retemperam no almoço. Este, às vezes, toma-se na cantina da fábrica, no salão do restaurante, no ambiente afectuoso da família — ou à beira do trabalho, sobre as pedras do caminho. A saída das fábricas, dos escritórios, à entrada dos eléctricos — a cidade tem outra fisionomia: a da pressa de comer para regressar ao trabalho.

(Fotos SERÓDIO)

## INTERDEPENDÊNCIA DAS FRENTE

O território polaco voltou a ser trilhado por forças combatentes. Não se trata, agora, de guerrilhas ou de núcleos de resistência, mas da própria frente de batalha, que de novo para lá se deslocou, na continuação do refluxo a que praticamente se assiste desde todo o ano passado. Quere dizer: na frente leste, os exércitos alemães continuam a ceder terreno, oscilando a longa linha de batalha numa profundidade que manifestamente impressiona e que não deixa, em algumas ocasiões, de provocar certas deduções simplistas, ao fazer-se o paralelo com o que vai ocorrendo na frente italiana.

De um modo geral, com efeito, não se pode negar que a retirada alemã tem sido muito mais espectacular na Rússia do que na Itália, mas daí não podem nem devem extrair-se conclusões quanto à intensidade da luta, nem quanto ao valor das tropas empenhadas nos dois teatros de operações, nem quanto ao esforço por elas desenvolvido. Em primeiro lugar, não há comparação possível quanto à configuração geográfica das duas zonas de combates. A Itália, do Tirreno ao Adriático, é uma frente estreita, que permite a concentração densa de grandes efectivos, dispostos sobre montanhas e ruínas por onde se despenham rápidos cursos de água. Este género de terreno, como se sabe, o que constitui o exemplo clássico do que se considera difícil para acções militares em ritmo apressado. Não obstante, desde os seus desembarques em Regio e em Salerno, as forças anglo-americanas têm conseguido levar por diante o seu impeto e, às portas de Roma, detêm hoje em sua posse metade do país. A dificuldade com que a operação tem sido levada a cabo — pela chamada, que tantas vezes tem sido anunciada, de reforços alemães — diz bem da importância que esta frente assumiu no conjunto da guerra. Na verdade, para fazer face aos exércitos invasores da Itália, o comando alemão viu-se obrigado a deslocar forças das que combatiam na frente russa. Desta transferência resultou um compreensível enfraquecimento das defesas a leste, justamente na altura em que desse lado os alemães sofriam a peso de uma ofensiva que, em tais condições, encontrou simplificada a sua tarefa e pôde obter resultados de cuja amplitude, melhor do que por quaisquer palavras, se pode fazer juízo pela consulta dos mapas.

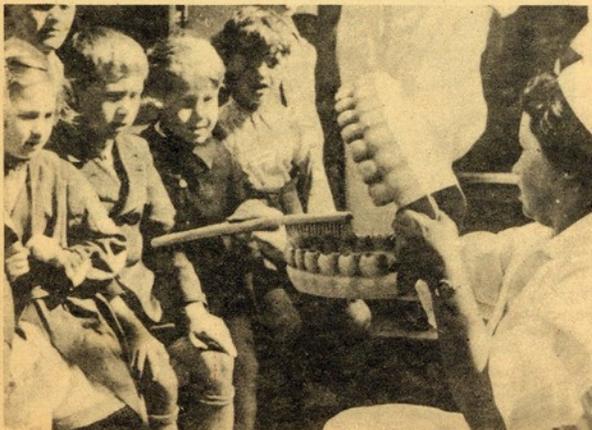
De momento, todas as trombetas da fama assinalam como iminente a tentativa para um novo desembarque no continente — a tentativa para a constituição da decantada segunda frente. Toda a gente fala das grandes concentrações de tropas aliadas na Grã-Bretanha, toda a gente faz referência à designação dos novos comandos para essas forças — o comando da invasão, com Eisenhower em generalíssimo — e toda a gente faz contas de dias a saber ou a adivinhar quando começará a operação de tão gigantesca envergadura. Seja como for, esta incerteza implica, desde já, a presença de grandes forças alemãs a ocidente — forças que de momento se mantêm apenas em estado de prevenção, mas cuja existência implica, evidentemente, o enfraquecimento das frentes combatentes.

E a situação, verdadeira é esta: a interdependência entre todas as frentes, que têm desde já, as constituídas e as que possam vir a constituir-se, um sentido convergente. O centro dessa própria convergência é a Alemanha. É para lá que marcham todos os exércitos aliados. É de lá que têm de partir todos os reforços para a defesa. E, no quinto ano de guerra, numa altura em que o problema das reservas é uma incógnita para quem não for da qualidade de transformar em certezas as mais sérias convicções, o reforço de uma frente só pode fazer-se à custa do enfraquecimento das outras. Como se se dissesse em linguagem de quem não fosse muito cauteloso das conveniências: não pode a cadeia com tanto cachorro...

J. R. S.

## ÁUSTRIA CONSULTAS AMBULANTES

NEM todos têm em casa quem os ensine — e como ninguém nasce ensinado, criou-se na Áustria, recentemente, um serviço ambulante de odontologia que se nos afigura de resultados práticos imediatos. Viena, principalmente, tomou a peito o funcionamento desses curiosos consultórios, em que a criança, principalmente, aprende regras elementares da limpeza e conservação dos dentes. Enfermeiras e médicos dentistas percorrem as ruas — de preferência os bairros pobres, que são de costume o refúgio da ignorância — e, com material próprio, moderno e de fácil compreensão, no seu exemplo mecânico, dão lições e curam dentes. A foto dá-nos a bocarra enorme fabricada expressamente para estes cursos — e mostra-nos a expressão de curiosidade e admiração da multidão. Se calhar, nunca tinham visto uma escova de dentes — assim tão grande...



## BERLIM SOB A VINDICTA DA R. A. F. ALEMANHA

EM 1940, o mundo pasmou e tremou pelos milhares de vidas pela «Luftwaffe» em Londres. Os ataques foram cruéis, mas a Alemanha estabeleceu um precedente terrível, porque julgava que arrancaria a vitória por um processo novo de combate. Afinal, os meios de defesa aperfeiçoaram-se, Londres era muito grande e a alma do seu povo ainda maior. A luta de Leste — uma aventura, uma sedução e uma armadilha para os alemães — desviaram a atenção da Alemanha e os ataques a Londres reduziram-se, porque um só corpo não pode ocupar ao mesmo tempo dois lugares no espaço...

Mas a Inglaterra aprendeu muito com os ataques alemães. E o que eles, nas suas acções bélicas, não conseguiram realizar — aprenderam — os ingleses a fazer: sistematicamente, atacar a máquina de produção.

Todos os alemães conhecem hoje a dureza que atingiu o espaço londrino. Mas, os berlinenses, particularmente, sabem como a R. A. F. está a cum-

prir o seu programa de vingança anunciado há dois anos, quando as bombas destruíam impiedosamente os lares de Londres.

Evidentemente, nem só os objectivos de guerra estão a ser destruídos: bairros inteiros são atingidos, principalmente bairros industriais e operários, vizinhos de vias de comunicação, das zonas dos grandes bancos. E, então, tão cegas como as de há três anos sobre Londres, as bombas sobre Berlim destroem museus, casas de espectáculos e catedrais. Os berlinenses já não têm teatros — o momento nem sequer admite divertimentos! — e os seus monumentos de arte estão a ser destruídos, como os seus meios de aquecimento.

Eis, no meio da tragédia, uma nota inédita: o arsenal tinha um museu curioso, onde se encontravam os trajes históricos dos antepassados da marinha e do exército alemães. Estes guardas transportam aos ombros os manequins que se salvaram de um dos últimos raids.

## INGLATERRA FOI UM ANÚNCIO DE FRACASSAR O DESEMBARQUE DE DIEPPE! SABÃO QUE FEZ

NO dia 19 de Agosto de 1942, desembarcaram em Dieppe forças britânicas que, a breve trecho, foram aprisionadas ou obrigadas a retirar. A acção, pode hoje afirmar-se, foi um fracasso.

Os círculos militares de Londres ficaram naturalmente espantados, resolvendo investigar as razões que teriam levado ao insucesso, um empreendimento tão escrupulosamente preparado. A explicação oficial de que um rádio-cisterna alemão cruzara inesperadamente a rota da esquadra de desembarque, tendo podido avisar a tempo as defesas alemãs da chegada dos Aliados, afigurava-se, pelo menos, insuficiente. Tanta investigação levou a reparar que o grande matutino londrino «Daily Telegraph» costumava publicar, regularmente, os anúncios de reclamo duma firma de sabões. De cada vez, acompanhava o anúncio o desenho duma peça de roupa, daquelas que se tornaram raras na Inglaterra de hoje, ou que têm valor de estimação. Seguiu-se um texto folhetinesco e explicativo, como, por exemplo: «Era com este vestido que a Mabel andava, quando viu o Bob, pela primeira vez; ou «este kimono de seda pura é de Hong Kong»; ou «este pullover é uma recordação da lua de mel que Rosemary e Tom passaram na Suíça». Cada uma das legendas terminava com um «por conseguinte, poupa estes objectos insubstituíveis, lavando-os só com o sabão conhecido da marca X».

No dia 15 de Agosto de 1942, chegou a vez de se publicar um coupão de banho de Dieppe, aquela praia francesa onde muitos ingleses passavam as suas férias, em tempos de paz, e donde voltavam com a agradável sensação de terem estado no continente, por pouco dinheiro...

O título do anúncio rezava assim:

«Beach Coat from Dieppe», ou seja «roupão da praia de Dieppe». Os ingleses descobriam, então, que foi detrás desse anúncio inofensivo que se ocultou a traição, porque «Beach Coat from Dieppe» significava, na realidade «Beach C. O. at Dieppe», ou seja, a abreviatura de «Beach coordinated operations at Dieppe» — operações anfíbias em Dieppe.

No dia 15, apareceu o anúncio; no dia 17 o jornal chegou a Lisboa, no mesmo dia a informação foi transmitida às autoridades militares alemãs, em França, que, por sua vez, deram a tempo, o sinal de alarme à defesa costeira...

Acaso? De certo! Porque só o acaso é capaz de pregar semelhantes partidas...



Um dos homens que foram a Dieppe e tiveram a sorte de regressar, relata a Jorge VI a sua heroica odisséia. O rosto enfiado e a protecção do capacete mostram que a explicação veio logo após o regresso a Inglaterra.



POLÓNIA

# O PROBLEMA POLACO

**A** medida que a defesa alemã na frente oriental se torna cada vez mais elástica, a guerra penetra cada vez mais nas antigas fronteiras polacas de 1939. As atenções da imprensa e do público universal voltam, assim, a convergir para o problema polaco que, há já alguns meses, está a ser asperamente discutido.

O que é, entretanto, o problema da Polónia?

A despeito de toda a simpatia que possa merecer a actual e desgraçada situação da nação polaca, que ao património comum da cultura europela tem dado valores imperecíveis, não podemos deixar de reconhecer que a Polónia é a demonstração de certa verdade que nos ensina: a liberdade é um vinho pesado; quando tomado em dose excessiva, embriaga e conduz a acções desrazoáveis.

Depois de constituídos em república em 1918, quando ainda mal se sentiam outra vez livres, os polacos olvidaram o gosto amargo da opressão que haviam experimentado durante alguns séculos, e começaram a pôr em prática contra as minorias incorporadas na sua República métodos irresponsáveis, de que mais tarde se haviam de arrepender.

As chacinas cometidas contra os judeus pelos tristemente célebres legionários do general Haller foram as madrinhas de baptismo da ressurreição da Polónia. A opressão dos camponeses ucranianos pela «szlachta» polaca, a ocupação de Vilna, histórica capital da Lituânia — sem falar de outros factos — constituem apenas alguns elos isolados numa cadeia de actos políticos de consequências graves. Durante o espaço que media entre as duas conflagrações, a Polónia, embora dominada pelo vulto gran-

dioso e monumental do Marechal Pilsudski, foi um dos países mais mal governados da Europa, justamente porque os polacos, embriagados pelos vapores da liberdade, esqueceram que não eram os únicos habitantes de um país que contava na sua população de mais de 33 milhões, cerca de 30% de minorias, entre ucranianos, russos brancos, judeus, lituanos e alemães. Não obstante, e apesar de tudo, a Polónia foi o primeiro país a desligar-se dos compromissos assumidos perante a S. D. N., para com as suas minorias nacionais.

A consequência lógica foi que as minorias fizeram o possível para escapar à intolerância polaca: os ucranianos e russos brancos reivindicavam a união com os seus irmãos incorporados na U. R. S. S., os lituanos pretendiam o regresso à Lituânia, e os judeus, para se salvarem dos constantes «pogromes» da população, emigravam em número crescente para o ultramar, principalmente para a Palestina.

A política externa da Polónia não foi mais feliz. É preciso saber que os polacos, embora reconhecendo que a Alemanha é a sua inimiga secular, odiavam ainda mais os russos do que os próprios alemães, por uma espécie de complexo fratricida. Os polacos, dentro da certeza de que, na sua delicada situação geográfica, não se podiam permitir o luxo de ficar enclausurados entre os dois inimigos poderosos, fizeram sempre o contrário do que seria lógico e aconselhável. Em lugar de procurar manter boas relações com gregos e troianos, indispuseram-se sucessivamente com os russos, por causa das fronteiras orientais; com os lituanos por causa de Vilna; com os checoslovacos, por causa de Tesczen, com os alemães,

por causa de Dantzig e do Corredor — de modo que, em 1939, praticamente, nenhum dos seus vizinhos deixou cair uma lágrima quando a Polónia foi invadida.

Depois de 1941, as relações com a Rússia, pedra de toque de toda a política polaca, entraram numa fase de aproximação.

Mas, o «caso de Katyn», em Abril de 1943, provou que a política polaca ainda não tinha estabelecido uma firme linha de conduta. Acusar um aliado da chacina de alguns milhares de oficiais compatriotas — a história investigará mais tarde com quanta justiça — era servir naquele momento inoportuno, indirectamente, de instrumento à propaganda inimiga. E a réplica dos russos, rompendo relações diplomáticas, não devia, por isso, constituir resposta inesperada. Por outro lado, levantar o problema das fronteiras orientais polacas, antes mesmo de serem atingidas, também não foi uma ideia muito feliz, porque, de qualquer maneira, a Polónia reconduzida à grandeza que sinceramente lhe desejamos, não poderá reivindicar a hegemonia sobre os ucranianos e russos brancos. A dificuldade do problema consiste apenas em que, nos territórios em litígio, as cidades sejam habitadas mormente por polacos, ao passo que os camponeses são ucranianos e russos brancos. É possível e aconselhável que essa questão seja resolvida, por meio dum transferência de populações, para satisfação de ambas as partes interessadas. A Rússia reconhece a incontestável legitimidade da reivindicação da Polónia de voltar a ser grande e independente. Mas, isso não basta. É preciso, também, que o Governo de Mikolajczyk manifeste uma atitude mais transigente —

principalmente, mais conciliante — o que, por enquanto, não parece estar dentro dos seus propósitos. O facto de a imprensa polaca de Londres — para citarmos apenas um exemplo — emprestar as suas colunas para nelas se fazer a propagação anti-russa dum punhado de emigrados políticos lituanos — não por amor à Lituânia, mas por ódio aos russos — é sintomático e não é de maneira alguma susceptível a fazer eliminar a actual atmosfera de irritação recíproca.

O actual dirigente da política externa polaca, o conde Tadeusz Romer, é um homem inteligente e, pessoalmente, bem acreditado em Moscovo, desde o tempo em que ali desempenhava as funções de embaixador. É de esperar que reconheça as vantagens dum entendimento amigável com o seu vizinho oriental, mesmo que, para isso, tenha de fazer alguns sacrificios. O recente pacto concluído por Benes em Moscovo indica, também, que, num momento em que os seus exércitos vão penetrando nas fronteiras da Polónia, os russos preferem um entendimento pacífico com os polacos. O pacto russo-checoslovaco deixa a porta aberta aos polacos, para se reunirem a uma federação da Europa Oriental.

Todavia, é de esperar que, depois de restaurada a legítima grandeza da pátria, os polacos tenham aprendido, nestes ensangüentados anos de guerra, que a liberdade nacional não é um bem exclusivamente seu, porque pertence a todos. A História demonstrou que a liberdade dum povo não se conquista, oprimindo os vizinhos. A Polónia foi sempre grande, quando foi tolerante.

S. SCHMULEVITZ



## ANIBAL DE CASTRO

### ALHEIO

Que posso de vós dizer  
Sem que comece a côrar  
C'o desejo de vos louvar?

### VOLTAS

Quem será de ver-vos digno?  
Vi-vos e fiquei pasmado,

Foi assim como um menino  
Num exame reprovado.  
Vós me cegaste, ó astro  
E pouco mais sei bradar  
Que o Aníbal de Castro...

... ..  
Lá começo eu a côrar!

ELMANO SALGADINHO

## A MANEIRA DE EDUARDO DIAS NAS "MIL E UMA NOITES"

**C**ACIM e Ali-Báhá eram irmãos. O primeiro recebeu como espósa uma bonita mulher — e, com ela grossa pecúria. O outro, eslhendo companheira tão pobre quanto ele, vivia como sói acontecer a um lenhador que sempre fora.

Um dia, ocupado no mester, Ali-Báhá viu um bando de 40 salteadores acercar-se de um penédo, e entendeu o capitão ordenar:

— ¡Abre-te Sésamo!  
Quando os ladrões saíram do covil onde tinha penetrado com aquela senha, Ali-Báhá ouviu dizer:

— ¡Fecha-te Sésamo!  
De posse do segredo, o lenhador entrou na caverna e apossou-se de quantos géneros de mercaderia lhe pareciam conta justa para as fôrças das alimárias que trazia em serviço. Ei:

— ¡Fecha-te Sésamo!  
A mulher de Ali-Báhá, deslumbrada com o que viu, quis saber a quanto montava a chelpa, e foi pedir à cunhada a razão porque — azinou ao seu homem com feminil obstina-

ção — quem vive sem conta, a cabeça tem tonta.

A outra cosevilheira, matutou na história, e como não atinasse com a espécie de cereal que os pindéricos teriam que rasoiar, untou com sébo o fundo da medida.

Do ardil resultou isto: vieram vários géneros colados ao fundo viscoso do recipiente.

Cacim, atenzado pela mulher, obrigou o irmão a revelar-lhe o segredo — e foi ao covil dos ladrões. Todavia, na vertigem que lhe ocasionou a vista de tantas riquezas, esqueceu a senha para abrir a porta, quando, abarrotado, se dispunha a sair. E os salteadores, que apareceram nessa altura, fizeram a alma do visitante abandonar o involúcro.

Ali-Báhá, sabedor da morte do irmão, associou-se mais tarde com a cunhada e com os salteadores, e instalou uma vasta mercaderia — «Ali-Báhá, os 40 ladrões & Companhias» — que ainda hoje existe e tem sucursais em tôdas as terras do mundo...

## OS CHAPEUS

**T**INOP escreveu, certa vez, que o chapéu feminino desde os fins do século XVIII se parecia com uma espécie de Protótipo extravagante e multiforme que hoje se alargava em capota desmedida sob o Directório, no dia seguinte se achatava para comprazer às importações inglesas de 1815, agora se elevava no cocuruto da cabeça como um carapuço de palhaço, logo se abaixava até à raiz dos cabelos como um solidéu cardinalício, prestando-se, em tôdas estas formas, às mais variadas e imprevisas denominações. Nada mais exacto. Não falta quem afirme que a Moda é um eterno recomeço. Na verdade, reparando bem, qualquer que seja o nome do chapéu — Trianon ou Lambale, Sainsborough ou Rembrandt, Amour ou Petit Cocu — nas suas linhas predominantes, o chapéu de 1940 é o chapéu de 1797; o chapéu de 1890 é o chapéu de 1879; e — quem tal diria — o chapéu deste inverno de 1944 é, nem mais menos, do que o chapéu de 1830. A célebre Madame Bertin, modista de Maria Antonieta, tinha razão ao dizer que só existia novidade naquilo que estava esquecido. Seja, porém, como for — pelo menos a acreditar nos cronistas mundanos — a terna e langorosa capeline do Hernani, parece ressurgir nestes atribulados tempos que vamos atravessando — como uma intencional afirmação romântica. Declino por falta de espaço a missão de descrever os actuais chapéus femininos, porventura herdeiros dos chapéus que, há 113 anos, fizeram furor. Limito-me a recordar as palavras duma illustre modista do século XVIII e que, segundo penso, continuam em plena actualidade: « — O que há de mais grave no mundo não é a forma dos governos: é a forma dos chapéus.»

### O CHAPÉU DE MATOS SEQUEIRA



Gustavo de Matos Sequeira traz agora um chapéu novo. Ao seu chapéu pastel de nata amanchucado succedeu um chapéu tipo empadão. Não tardará, porém, que este novo chapéu abata as suas prosápias totalitárias e se converta no característico chapéu Matos Sequeira — mole, domável, flexível, bom-rapaz. Porque é de saber-se que o arqueólogo do «Carmo e da Trindade» quando tem um chapéu novo leva semanas a sentar-se em cima d'ele — para o domesticar...

### REI GASPARD



Como sabem, um dos célebres Reis Magos chamava-se Gaspar. Acaba, porém, de descobrir-se que o seu nome completo é Gaspar... Simões. E que ainda vive gordo e enfiado. Tanto que este ano não saltou quem o visse, no presépio, apresentando o Menino-Jesus com algumas dezenas de livros de que é autor e tradutor... Afinal, a história dum vago rei Gaspar que levava mirra ao Deus-Menino era lenda. Na verdade, um Gaspar tão rechunchado não podia considerar-se, positivamente, mirrado!

### SANTA RITA



Augusto de Santa Rita ia um noite destas para casa quando viu meio estendido no passeio o vulto dum homem. Não lhe foi difícil saber

que o homem estava bêbedo e que tropeçara no passeio. O poeta, coração lírico e bondoso, apressou-se a ajudar o bêbedo a levantar-se, e aconselhou-o, paternalmente, a que fôsse para casa.

— Mas quem é o senhor? Eu posso saber o seu nome? — perguntou o homem.

— Para quê? Você não me conhece. Sou Santa Rita...

Logo o bêbedo: — Ah! É Santa Rita... Então Ora pro nobis...

### ERICO-AUTOR



Uma novidade: Erico Braga está escrevendo uma peça. O artista, tantas vezes aplaudido, surge agora como autor — à maneira de Shakespeare ou

de Molière. É certo que, como autor de revistas ou tradutor de comédias, o seu nome tem, muitas vezes, figurado no cartaz. O caso, porém, é agora outro. Teremos três actos pensados e realizados só por ele.

— Mas, amigo Erico — preguntá-mos-lhe ontem — é comédia ou drama?

Logo Erico, num sorriso sibilino: — Isso ver-se-á no dia da «première»...



## Dois bailarinos assombrosos

Ela chama-se Margot Hill. Ele tem o nome de Maurice Colleano. São de nacionalidades diferentes e talvez nem se conheçam... Mas ambos pos-

suem a classe internacional de grandes bailarinos. Dominam o espaço, em acrobacias doidas e maravilhosas que nos causam um arrepio de espanto. Como é, possível adquirir tão extraordinária elasticidade? Nós não sabemos. Todavia, Margot Hill e Maurice Colleano talvez lhes possam responder...

## ARQUIVO

—Depois de sete anos de trabalho porfiado, durante os quais não fez mais nada, o célebre sábio De Paul Heyl, deu-nos esta grande novidade: o péso da terra é de: 6.592.000.000.000.000.000 toneladas...

—Um aviso que vem de longe: Se vires um gigante, olha para a posição do sol e repara bem se o gigante não será a sombra dum anão...

—Para que a mulher não saísse de casa enquanto ele dormia, G. Cook, de Neuvaek, Nova Jersey, roubava-lhe a dentadura postíca e guardava-a até à manhã seguinte...

—Em Upsala, na Hungria, os gatos têm de trazer uma coelha vermelha. Gato que seja apanhado sem coelha, é executado imediatamente.

—Há bem pouco tempo, seis cartas autografadas de J. J. Rousseau foram vendidas pela «módica» quantia de 19.000 francos...

—Segundo as estatísticas do De Helimui Lautsberg nós aspiramos por minuto cerca de 900 milhões de partículas de pó, das quais 90 milhões, pelo menos, ficam no nosso organismo...

—Um médico francês está obtendo grande êxito no tratamento de várias doenças internas, tais como cálculos hepáticos, bronquites, dor ciática, etc., dando injeções dum líquido misterioso. Sabem qual é o líquido? Água destilada...

—Os médicos de quasi todo o mundo concordam em que a idade mais perigosa para a saúde das crianças é a que vai dos três aos cinco anos...

## NÃO PINTE OS CABELOS PODE FICAR SURDO

Creda que é verdade. Está provado cientificamente que as drogas com base na anilina, empregadas para tingir o cabelo dos senhores pretenciosos e das senhoras vaidosas, podem produzir surdez parcial ou mesmo total, acompanhada, por vezes, de fortes dores nevralgias e de debilidade geral.

É certo que existem outras causas para a surdez, tais como o uso da quinina, o fumo exagerado, o abuso de bebidas alcoólicas e até a aspirina.

Sim, senhores. A aspirina, tomada em doses demasiadas e repetidas, pode ir enfraquecendo gradualmente a força auditiva chegando a produzir, em determinados casos, a surdez total. Mas, dentre destas causas, a mais perigosa consiste na utilização insistente das drogas para mudar a cor dos cabelos. Portanto, veja lá, tenha cautela, daqui em diante...

## TRES CONSELHOS PARA OS NERVOSOS

1.º—Logo ao despertar, ler um pouco do livro que tiver deixado da véspera. Isso serve para ajudar a coordenar as idéias.

2.º—Examinar um objecto qualquer sob todos os pontos de vista. Ler algumas páginas dum livro qualquer e concentrar a atenção sobre o que tiver lido. Ler cinco minutos e meditar um quarto de hora.

3.º—Fazer um exame de consciência periódico, pelo menos uma vez por semana e corrigir os pontos fracos. Não ceder ao domínio da expansividade. Quando surgir qualquer tendência para a emoção, o melhor é abster-se de toda a manifestação exterior.

(Extraído do «Método para a Cura do Nervosismo pela auto-sugestão consciente», de PAUL JAGOT).



## LEMBRA-SE AINDA DE GOUNOD?

**H**á vidas que merecem ser contadas, para que sirvam de exemplo. A vida de Carlos Gounod, o imortal autor dessa música maravilhosa que se intitula «Avé Maria» — é uma delas.

E, senão, vejamos:

Um certo dia, o senhor Poieson, director do Colégio de São Luis, foi procurado por uma senhora de certa idade. A senhora queria entregar um seu filho aos cuidados e conselhos de mestre Poieson mas fazia um pedido veemente: de maneira alguma queria que seu filho seguisse a carreira musical — pois já seu marido

se desgraçara por causa dessa mesma carreira.

Mestre Poieson tranquilizou-a por completo:

— Ide descansada. Vosso filho nunca será músico. Ele há-de seguir o curso de bacharel!

E, nesse mesmo dia, Carlos Gounod, franzino mas esperto, entrou para o Colégio de São Luis.

Para o experimentar definitivamente, Mestre Poieson chamou o garoto ao seu gabinete e disse-lhe:

— Se quizeres ser um bom músico, tens de musicar isto...

E entregou-lhe um poema pleno de dificuldades. A seu ver, era essa a melhor maneira de dissuadir o jóvem Gounod. Diante do fracasso, ele desistiria decerto.

O garoto entregou-se imediatamente ao trabalho do poema que começava assim:

*A peine au sortir de l'enfance  
Quatorze ans au plus je comptais  
Je suis avec confiance  
De méchants frères que j'aimais*

E pouco depois, entrou, de novo, no gabinete do director.

Que queres? — perguntou este, prevendo a confissão de fracasso. — Vou cantar-lhe a minha composição — respondeu Carlos Gounod, num sorriso sereno.

E diante do pasmo sincero de mestre Poieson, ele cantou uma embaldadora harmonia, cheia de beleza e de suavidade.

A partir de então, o próprio director do Colégio de S. Luis, esquecendo a promessa que fizera, tornou-se um dos mais fervorosos e entusiásticos admiradores do talento musical de Carlos Gounod.

A mãe do jóvem músico ainda tentou lutar contra o que ela chamava a infelicidade do filho. Mas a vocação dele era mais forte. Aos 20 anos, ganhava o primeiro Prémio de Roma em composição musical. Desde aí, foi uma série inquebrável de glórias e fortunas. O nome de Gounod correu mundo. Acaso existe algum medianamente culto que não tenha ouvido, uma vez sequer, a célebre «Avé Maria» de Gounod, que não tenha entoado, mesmo devagarinho, aquêle admirável cântico:

*— Le ciel a visité la terre  
Mon bien-aimé repose en mol  
Du Saint-Amour, c'est le mystere  
O mon ame, adore et Tais-Toi.*

Todavia, Carlos Gounod compreendeu bem a ansiedade de sua família. Ele próprio confessava:

— Minha pobre mãe ficou desiludida. É natural. Ela sabia o que é a vida do artista. Provavelmente temia em mim a segunda edição da pouca sorte de meu pai.

Mas o homem que legou ao Mundo essa ópera denominada «Fausto» foi, pelo contrário, um triunfador.

Toda a sua vida viveu numa atmosfera de música. E até a própria morte o levou no momento em que ele acabava de executar maravilhosamente um «Requiem» da sua autoria...

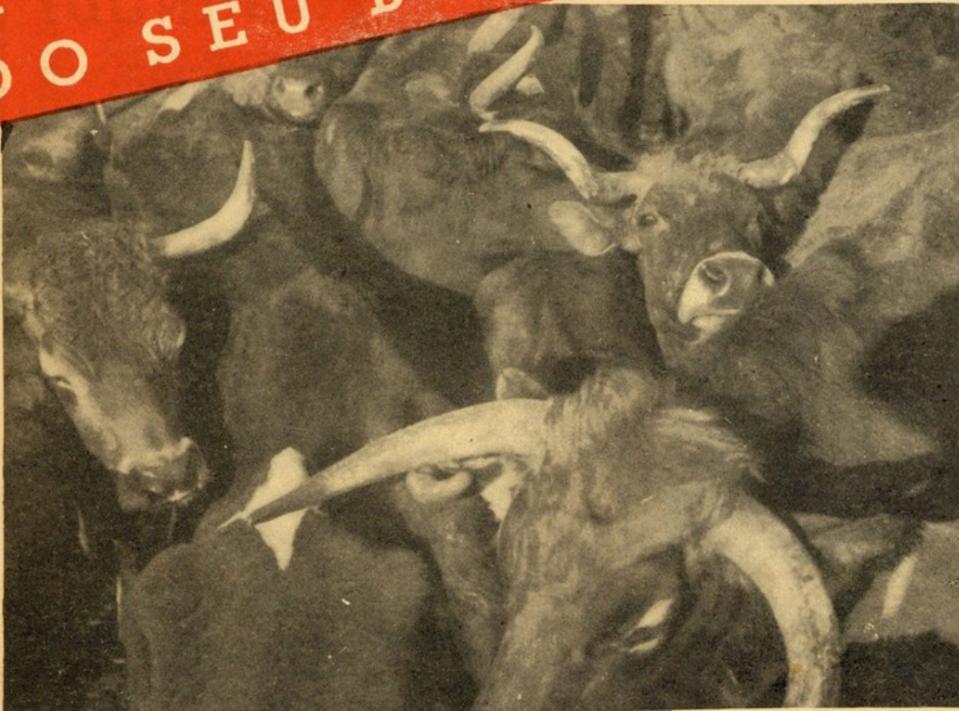
## AQUELE HOMEM VAI MORRER!

**É** LE é um condenado à morte. Chama-se Steve Cygan. Mas os seus companheiros pensam que ele está inocente. E, assim, recusam a refeição, e, num gesto de solidariedade, pedem perdão para Steve Cygan...



**LEITOR! AQUI TEM  
A HISTORIA  
DO SEU BIFE!**

# PENA DE MORTE, DENTRO DA CIDADE!



**O**povo diz: «a fome é má conselheira». De facto, de estômago vazio, o homem perde a sua alegria, o seu vigor, o seu entusiasmo. Para os materialistas, há apenas, na vida, um problema: o estômago. Desde que este esteja bem aconchegado, tudo é côr-de-rosa. Eça achava até que depois duma boa digestão, o olho brilhante da genebra e um calor nas faces, nenhum mortal recusaria elogiar o seu inimigo da confraria literária. O repasto consegue, assim, uma estreita amizade que pode renascer do paladar ou da predileção por um guisado. Os restaurantes, os cafés, essas pensões que todos os dias aparecem em terceiros andares, fabricando sopas em série e opulentas omeletes... sem ovos, têm, na generalidade, um prato de recurso. É o bife — o célebre bife, que já o super-celeste Teodoro comia na madame Marques, à Travessa da Palha, rijo como sola. O lisboeta come muitos bifés. Há o meio-bife, com batatinhas, o bife inteiro e aquêlle que nunca se sabe o que é — porque nem é inteiro, nem metade. Quando aparece no prato, ainda em sangue, feito em manteiga, o freguês delicia-se, paga a conta e abala

à vida, assobiando como qualquer felizardo. Todavia, há coisas que se podem contar, a propósito dêsse pedaço de carne condimentada no restaurante. Evidentemente que ninguém pretende fazer como naquela história que se conta aos meninos: «olhe, medite e pense nas voltas que êsse pedaço de pão deu antes de lhe chegar à boca!» E então fala-se do lavrador, do inverno duro, das espigas, das debulhas, do moinho, da farinha, do padeiro, enfim coisa tão complicada que a gente até se benze como temos pão todos os dias. Ora, a história do bife é quasi igual. Lá vem a vaca a pastar, as lezírias, a venda, o lavrador, o veterinário, a Câmara, o Matadouro, os talhos, o restaurante... e o freguês que come o bife.

Mas como funciona o Matadouro?

Ora aí está. É isso que desejamos dizer. Evidentemente que ninguém pensa que o gado é morto a rajadas de metralhadora, nem a pauladas com fueiros. Tudo obedece a uma determinada técnica — e até bem curiosa. O magarefe é um perito. Aquilo não falha um golpe. A estocada dada entre as hastes do animal é duma precisão impressionante. A rês cai, pesadamente. O sangue escorre a fumar. Arrastam-na para a pedra, onde vai ser retalhada. Cada uma tem o seu número a encimá-la — e o grupo competente de empregados. Antigamente, o homem encarregado de matar os bois era o magarefe. E por tradição era um gigante espadado, de mãos cabeludas, e avental ensangüentado, cobrindo-lhe o ventre. Chegava a matar por dia cem e duzentas reses. Era a sua vida. Mais golpe, menos golpe. E, num intervalo, limpando os beiços salpicados de sangue, teria tempo de espreitar, pelas frestas da casa da matança, o dia que estava lindo. Cada um tem a sua ocupação.

Veio, porém, a reforma dos serviços e o magarefe beneficiou, passando a chamar-se: operador. Está certíssimo. Se a morte é uma operação — esquarterar um animal não é mais que uma operação de *barriga aberta*.

Fixou-se, por consequência, êsse aspecto sangüinário a uma profissão que é das mais árduas e trabalhosas. Simplesmente, estranhámos que se não tenha fornecido ao magarefe, perdão, ao operador, em vez de aventais ou revestimentos de lona, cómodas batas brancas de... consultório.

O gado, ainda o não dissemos, é conduzido para o Matadouro, das 4 para as 6 da manhã. Até essa hora fica no Mercado Geral de Gados, onde é rigorosamente inspeccionado pelos veterinários.

São os moços do Grémio da carne que o conduzem.

Às vezes acontece, no meio da manada mansa, aparecer algum que se lembre do verde das lezírias por onde pastou. E então temos peripécias, correrias. Êsse, depois de amarrado, é assim abatido. O choupou entra-lhe no meio das hastes e êle tomba, inglòriamente inerte, para regalo de tantos estômagos. São precisos seis homens para cada rês. Em meia hora, esfolam-se e esquarteram-se um boi do rabo à cabeça.

Um homem é só para o choupou — e durante a matança não faz mais nada que enterrar o instrumento nos animais; outro sangra; um terceiro arranca as fressuras; e os outros vão esquarterando. O sangue é conduzido nuns carros para

a oficina de sangue, a fim de secar. Tudo no boi se aproveita — e tem dono. Os chifres são arrematados por todo o ano, por qualquer concorrente, que em entusiástica disputa conseguiu ter a preferência. Chegam a ser toneladas. Os rabos, as patas — menos os couros, que por haver tanta e lastimável falta no mercado, a Junta se apoderou dêles, para ressaltar a economia nacional. De cada vez que o gado entra na casa da matança podem logo ir abaixo 60 cabeças.

Os instrumentos têm um nome curioso: o choupou é corriqueiro, a faca tôda a gente conhece — agora o *machil* e o *fusil*, sabem o que representam? O machil racha o boi da cabeça ao rabo e o fusil é o que dá o fio à faca.

Depois do animal estar bem separado, em peças, a carne entra no depósito. Claro que não é preciso dizer que a carne foi novamente inspeccionada, isto é: sofre duas inspecções, uma em vida, outra depois de morta, não vá o animal ter qualquer doença que o *organismo vivo* pudesse, com as suas reacções, eliminar. No depósito — está a balança. Aí começa outra grande faina, pesando toneladas de carne por dia. Depois penduram-se as peças — e o resto sabe já o leitor. Vem o caminhão grande e distribue pelos talhos.

\* \* \*

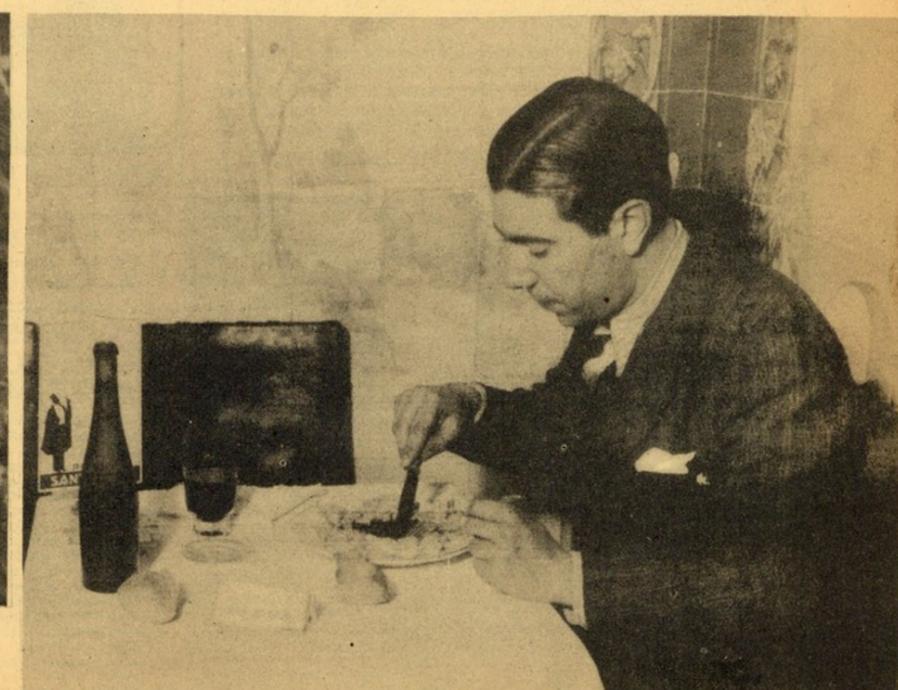
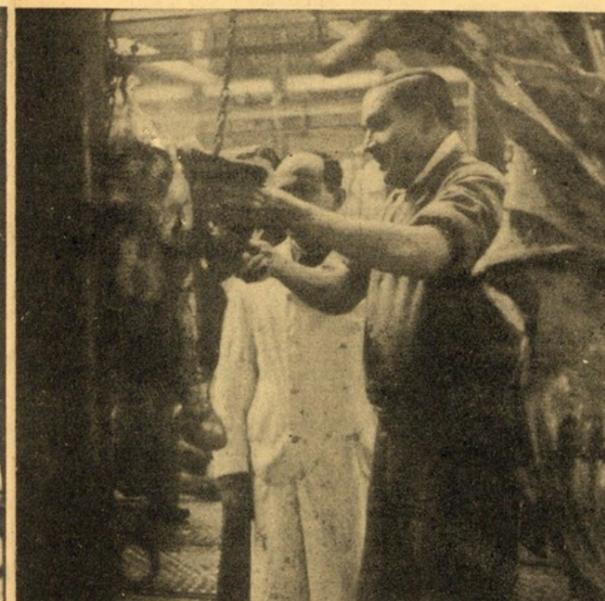
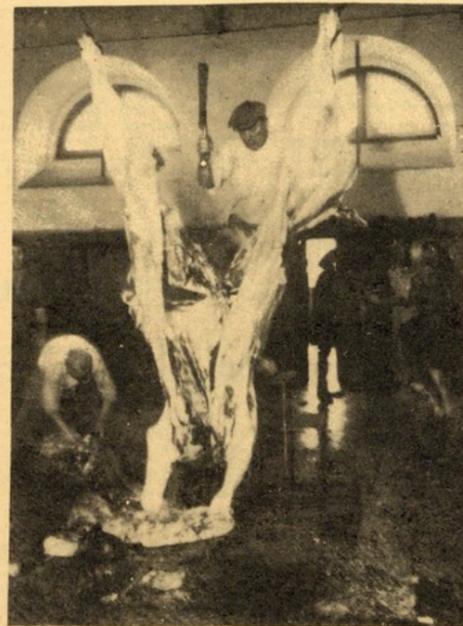
O Matadouro tem um ambiente pesado, nu, com os seus ganchos de aço, que são instrumentos de tortura. Ali encontram a morte, como num cadafalso sinistro erguido em honra do estômago, milhares de inocentes carneiros, que foram, com o seu «mé-mé», o enlêvo da bucólica paisagem cheia de ternura dos tempos bíblicos.

Tudo, afinal, se resume assim na vida.

Mas, se vamos a pensar em tal, refilam as donas de casa: — Ora esta, quero fazer um caldo de carneiro, e nem uma pele no talho!

Paciência — a lei inexorável da vida tem dêstes ditames — precisamos de comer carneiros, para que os carneiros não nos comam a nós.

MANUEL MARTINHO



F O T O S S E R O D I O

## O DESTINO DOS PAIS

**A**INDA não haverá muitas décadas, os pais podiam dizer, dentro de um sentido elementar dos bons-princípios, que a experiência confirmava:

— O meu filho há-de seguir o meu destino.

Criavam-se os filhos dentro dos bons ensinamentos que os pais haviam recebido. É o exemplo do passado servia de guia e norte do presente, quando não, mesmo até, do futuro. Se os pais tinham sido educados à sombra experiente e sábia da tradição, os filhos — por que não haviam de seguir o mesmo destino? E, assim, porque os pais nunca tinham sido criados com bailes, os meninos não deviam bailar; ou se, pelo contrário, o divertimento havia dado frutos na educação dos pais — geralmente, o melhor fruto era um lar sólido, constituído à maneira lusitana, com arca patriarcal a abarrotar de enxoval, umas notas no Montepio Geral, e meia dúzia de filhos à roda da lareira, a garantir a perpetuidade da espécie — se assim era, por que não tinham os pequenos de se divertir pelas praias com «maillots», pelas sociedades de recreio, pelas «jeiras» patúscas, ou pelos salões de festas elegantes?

Sim, o destino dos filhos era o destino dos pais, mesmo porque a evolução de costumes se fazia por processos lentos e o indivíduo era tomado na engrenagem até sem se aperceber. As épocas assemelhavam-se, porque as modas se prolongavam. Não havia diferença sensível no encarar dos factos e das idéias, de modo que não parecia desconhecível esse movimento giratório, em torno de cada próprio.

Mas, depois, de repente, as coisas mudaram. Houve um solavanco formidável na marcha das modas, dos usos e costumes. Saltaram-se em 10 ou 15 anos, umas dezenas de anos consideráveis. Os filhos passaram a ditar, porque o tempo lhes pertencia. Mas, porque a sua in experiência era grande e às vezes a ânsia de liberdade ainda era maior — nem sempre as coisas correram como deviam. E eis que se assistiu — e assiste — a actos e desconvenções nem sempre dentro da lógica — que é um pouco a razão de ser moral.

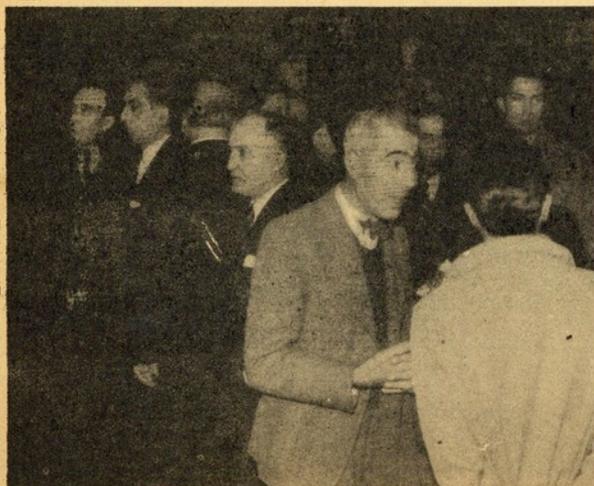
Duas razões, e ambas a partir dos pais, puderam contribuir fundamentalmente para a emancipação sem regra dos filhos: a incompreensão e teimosia que negou todos os direitos; a tolerância e a ignorância que concedeu todos os direitos.

No primeiro caso, a atitude gerou uma segunda natureza nos filhos: a dissimulação — dóceis na frente dos pais, irreverentes e atropelantes na sua ausência; no segundo caso, rompeu com as conveniências — audaciosos por dentro e por fora, porque a sanção paterna os não atingia. Naturalmente, não são os filhos exclusivos responsáveis. Cabe aos pais a melhor parte da responsabilidade — porque o destino dos pais é o destino dos filhos — ao contrário de há vinte anos, quando o destino dos filhos era o destino dos pais...

Se a mentalidade paterna pudesse sempre acompanhar os saltos de épocas sucessivas, dando aos filhos o exemplo da actualidade, a consciência da evolução progressiva e a certeza da compreensão da sua época — os novos não precisariam de se refugiar nas suas atitudes de dissimulação ou de desprezo insultante pelo passado — «isso era no teu tempo, agora já não se usa!» — e o equilíbrio das sociedades e do tempo gozaria de prerogativas especiais... Assim, porque os pais abusam tanto da tolerância como da intolerância — as coisas nem sempre se passam no domínio do bom entendimento, do bom conceito moral e da justa compreensão dos homens e das coisas.

O tempo, porém, não pára. E aquilo que hoje faz boa doutrina — amanhã é de desaconselhar. Por isso, talvez, o que hoje se diz nesta crónica faça sorrir os que nascerem hoje. Mas, então, passará a constituir matéria de crime o que atrás ficou pensado e dito. Com a vantagem, porém, de que a ré não cre mas morre... daqui até lá.

MANUELA DE AZEVEDO



## FALA-SE ESTA SEMANA

DR. CELESTINO COSTA



Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sábio acatado e escritor de nome, o sr. dr. Celestino Costa tomou ao seu cuidado a vulgarização de temas científicos que, durante muitos anos, permaneceram inacessíveis ao conhecimento público. Assim, com a sua dupla autoridade de homem de ciência e de escritor, o sábio histologista vai agora dar-nos o segundo volume de um conjunto que será monumental, e que tem o título de «O corpo humano». Este trabalho pertence à colecção «Biblioteca Cosmos».

METZNER LEONE



Eis o primeiro romance de um escritor que não boa conta tem dado de si, em alguns trabalhos de crítica, de política, de reportagem e de ensaio: «Uma mulher nua» — um volume bem apresentado e que está a obter êxito excepcional. Metzner Leone não teve pressa, ao contrário de muitos, em apresentar o seu primeiro trabalho de ficção. Ele sabia que as idéias, como os frutos, precisam de amadurecer muito. Por isso o seu romance é modelo de técnica, de interesse e de digressão espiritual.

J. A. CARVALHO



Mais de 50 anos esteve em África, entregue ao labor honesto de livreiro, este excelente colaborador de quantos escrevem livros em Portugal, com a mira de os ver divulgados nas nossas colónias. J. A. Carvalho vem de Lourenço Marques por estes dias e o Grémio Nacional de Livreiros prepara-lhe uma expressiva homenagem, a todos os títulos justa.

## O delírio do riso

**N**ÃO é crítica, não é desejo de criar corrente. É apenas constatar, registar o facto e estabelecer paralelos: procura-se o divertimento com uma inconsciência paradoxal, se nos lembrarmos de que, enquanto as garrafas de campanha espumam e o jazz desengonça os corpos — milhares de outros homens como nós se dão por uma causa de que havemos de sentir os efeitos.

Este delírio de prazer, que ataca novos e velhos e embota sentimentos, extravasa de casas de espectáculos, *dancings*, casinos, *cabarets* de toda a categoria — alastra na nossa terra como um veneno narcótico, sem deixar outros resíduos que os proventos em meia dúzia de algibeiras e a ruína em muito lar. É certo que esta ânsia de levar vida alegre é em parte produto da guerra: há os «volframistas» que aparecem nos concertos, sem perceber de música, que vão aos toiros sem perceber de toiradas, que visitam exposições de arte, sem saber onde ela mora, que vão aos *dancings*, sem saber dançar. Eles impulsionam, fomentam de algum modo a máquina industrial, porque representam o papel dos novos-ricos da outra guerra. Porém, não é precisamente no aspecto material da questão que reside o seu desvirtuamento. Temos, sim, o caso moral, a falta de solidariedade humana que vive paredes meias com outros problemas psicológicos de outros tempos, de outras civilizações. Quando os homens atingiram o vértice de um ciclo histórico, quasi sempre foram possuídos da ânsia de viver mais num dia, que numa época inteira. A sofreguidão, a pressa de atingir o limite, saturou sempre os povos de um prazer colectivo que foi por assim dizer o canto de cisne de civilizações apodrecidas. Cartago-Roma são legendas imediatas. Mas para além e aquém destes dois marcos de civilizações em eclipse — quantas outras para torturar a imaginação dos homens de hoje, se é que eles são capazes de viver fora do seu egoísmo, outros problemas que não sejam os do seu bom-viver. No entanto — como seria justo que cada um se perguntasse em cada dia, no meio dos seus delírios de prazer:

— Estarei eu a destruir o facho luminoso de uma época? Será útil a alguém a minha louca alegria?

## VIII SALÃO DE ARTE MODERNA

Ainda se não apagaram as impressões do Salão de Inverno, patente na S. N. B. A., e já Lisboa nos oferece o espectáculo de um novo conjunto artístico: o VIII Salão de Arte Moderna, que foi inaugurado recentemente e que engloba trabalhos de pintura e de escultura. Não cabe aqui a citação de nomes. Mas pode dizer-se que a corrente estabelecida para as exposições do S. P. N. é dos melhores documentos da nossa época, no campo social e artístico. Esta exposição, sobretudo, é valorizada pela presença do melhor que temos na chamada corrente modernista, sem deixar de se sentir a presença de um neo-classicismo e academismo imperantes.

## A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE

### NASCEU UMA "ESTRÊLA" PARA A "MENINA DA RÁDIO"!



**C**HAMA-SE Maria Eugénia Rodrigues Branco — mas ficará conhecida para sempre como «A Menina da Rádio». Depois de longas e acidentadas pesquisas, de luses e desilusões, de alternâncias de esperança e desespero, numa ronda persistente de muitos meses — Artur Duarte encontrou finalmente a intérprete ideal para o seu filme. E vale a pena contar as circunstâncias que rodearam a descoberta desta encantadora rapariga, que se apresentou, à última hora, e venceu, brilhantemente, uma após outra, todas as provas a que se sujeitou.

#### A APOSENTAÇÃO DA MILÚ

Quando a Milú chegou a Lisboa, em Outubro passado, Artur Duarte esperava apenas a anunciada remessa de película, para começar o seu filme. Mas a estrelinha de «O Costa do Castelo», dias volvidos, anunciou o propósito de se casar e de não mais voltar aos estúdios. A princípio, julgou-se que era boato, mas a nova não tardou em confirmar-se. E a despeito de todas as solicitações que lhe foram dirigidas, Milú manteve o seu ponto de vista: pôr o remate numa carreira, que se desenhava excepcionalmente prometedora.

Entrevistado, então, por um jornal da tarde, Artur Duarte expôs o que pensava sobre o assunto: Por parte de Milú, existia o compromisso de interpretar o filme. Contratos não havia. Mas mesmo que os houvesse, qual o realizador que se sujeitaria a trabalhar com uma vedeta contrariada?

Em Dezembro, Milú casava-se. O problema sentimental que a afastara da tela e a fizera renunciar a todas as tentadoras propostas recebidas, de Portugal e de Espanha, tinha, assim, o seu desfecho lógico. E os que supunham estar em presença dum réclamo a americana, verificaram então que podiam de facto despedir-se da Milú — pelo menos por estes tempos mais próximos.

Em face da situação, os produtores do filme dispuseram-se a buscar uma nova artista, a descobrir uma estrela que substituisse a que se apagava...

#### O CINEMA, ESSE TEMIVEL DRAGÃO...

A tarefa que não se afigurava fácil, revelou-se, afinal, difficilíssima. Em Portugal, os quadros artísticos de cinema são muito restritos. Depois, algumas das vedetas que ontem se destacaram, estão hoje ligadas a compromissos sentimentais que as impedem de regressar aos estúdios. Umam cassaram e outras estão novas. A Espanha levou-nos a Tatão. No Teatro, os quadros da gente nova são de uma pobreza calamitosa. Na «Rádios», há meia dúzia de autênticas vedetas — a maioria das quais com pronúncias características da especialidade, isto é, sabendo apenas cantar a primor, mas sem reunir as outras condições indispensáveis: representar com espontaneidade e possuir os indispensáveis requisitos de foteogenia.

«A Menina da Rádio» necessitava de reunir as qualidades que levaram os produtores a escolher a Milú, quando ela foi contratada para «O Costa do Castelo»: ser muito nova, ter os dons declamatórios necessários, para poder interpretar um papel; saber cantar o bastante para ombrear, no filme,

como algumas das mais célebres vedetas das nossas emissoras. Tudo isto, que parece facilímo, foi mais difficil, afinal, do que encontrar pepitas de ouro no leito pedregoso de um riacho qualquer.

Além disso, entre nós, ainda há muitas pessoas que vêem, no Cinema, um dragão tenebroso a immolar socialmente as suas presas. A velha tina das filhas de família, que nunca entraram num estúdio, supõem o «epitau» o mais inconveniente dos lugares para uma rapariga de sólida formação moral! Como se um baile não fôsse muito mais perigoso, sob todos os aspectos!

Artur Duarte teve, assim, algumas desilusões, quando tentou esta e aquela rapariga! «Os meus Pais opõem-se! Tenho que me resignar!» «A minha avó não consente e não quero dar-lhe desgostos!» «A minha família não pode ouvir falar em estúdios e filmes...».

#### PORTUGAL INTEIRO EM BUSCA DE UMA «MENINA DA RÁDIO»

Lógicamente, começou-se pela Rádio e pelo Teatro. Mas se uma pretendente sabia representar, era uma negação para o canto. Se outra cantava como um rouxinol e representava com correcção, não era a figura ideal para o papel. Esta fechava os olhos, aquela tinha feições que a desfeavam na tela. Tão depressa havia uma que parecia aceitável, como logo se descobriam poderosos motivos a não aconselhar a sua escolha. Entretanto, separaram-se como «prováveis» algumas vedetas do palco e da rádio.

E as vistas dos produtores encaminharam-se, então, para as desconhecidas. Na Companhia Portuguesa de Filmes (ex-Tóbiis Portuguesa) há um arquivo de rapazes e raparigas que pretendem entrar para o cinema. Artur Duarte, por seu turno, possui uma copiosa colecção de fotos de candidatas.

Entretanto, Portugal inteiro, sabendo que se buscava a fantele e a sua mente uma «Menina da Rádio» colaborava com os produtores. Choveram cartas, com fotos e esclarecimentos. Moveram-se empenhos. Receberam-se «abaixo-assinados» de certas terras do País, a favor deste ou daquele artista.

Apontaram-se nomes, uma das candidatas, a certa altura, fez uma declaração na Imprensa dizendo «existir» em favor da Milú, «porque sabia que, afinal, ela ainda estava interessada no filme». Mas, pouco tempo depois, voltava a citar-se o seu nome, entre as que tinham possibilidades.

Artur Duarte ensaiou, para provas, dezenas e dezenas de aspirantes à celebridade dos estúdios. E sempre, a mesma, a desoladora conclusão: «Não serve! Não reúne as condições».

Por fim, seleccionaram-se entre as «prováveis», cinco ou seis possíveis, a quem se fizeram «tests» completos, de som e imagem. Os produtores queriam, a todo o transe, resolver o problema que impedia o começo das filmagens.

Porque, agora, havia tudo, inclusivamente o filme que se aguardava, durante meses. Faltava apenas a «Menina da Rádio».

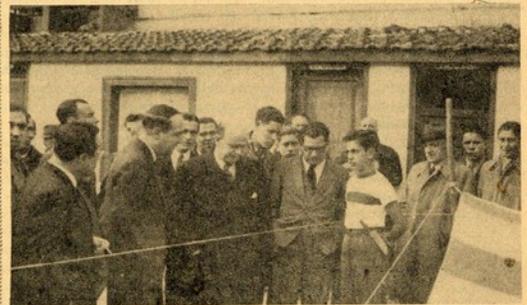
#### A CANDIDATA DA ÚLTIMA HORA

Dissemos, no nosso número transacto, que, analisados os «tests», havia uma «Menina da Rádio» escolhida, em princípio, e que se aguardava apenas as provas de uma nova competidora, surgida à última hora. Dissemos mais que a tal rapariga, cujo nome estava assente em princípio ignorava, por completo — como ignora ainda — a decisão dos produtores. O seu nome não interessa. Diremos apenas que julgamos saber tratar-se de uma das figuras dos nossos palcos.

Fizeram-se as provas com a candidata da última hora. E desde o primeiro momento, em todas as pessoas que intervieram na escolha, se radiou esta convicção: Finalmente! Tinha sido descoberta a «Menina da Rádio!» Muito nova — dezassete anos incompletos — representando e o m admirável naturalidade; sem sombra de pó de arroz, «cruges» ou «batons» na sua face irradiante de mocidade

(Continua na pág. 20)

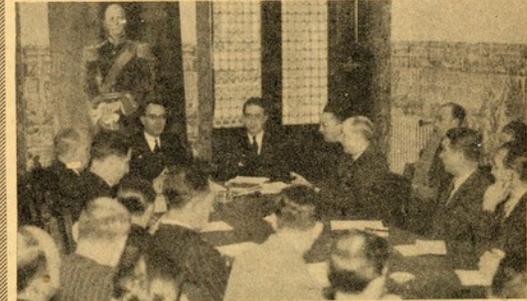
## NOTAS RAPIDAS



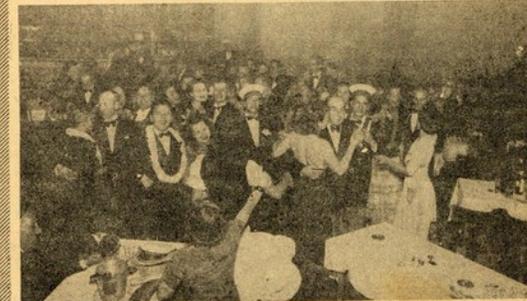
O sr. tenente-coronel Salvação Barrêto, Director Geral dos Desportos, visitou o Clube Atlético de Campo de Ourique. As suas palavras, durante uma pequena sessão de cumprimentos, foram uma legenda de trabalho e um estímulo para quantos se dedicam às actividades desportivas. O sr. tenente-coronel Salvação Barrêto inaugurou, no fim da visita, uma exposição de avio-miniatura.



Finalmente, acabou-se com o fantasma que enfarruscava a Torre de Belém. Logo que as circunstâncias da guerra actual o permitam, serão derrubados os velhos gasómetros da fábrica de Gás que passaram a funcionar unicamente na Matinha. As novas instalações foram há dias inauguradas pelo sr. Ministro das Obras Públicas e constituem um grande melhoramento para a nossa cidade.



Para receber indicações de trabalho, todos os anos se reúnem em Lisboa os delegados provinciais da M. P. Este ano, como de costume, as sessões efectuaram-se no Palácio da Restauração, a S. Domingos, e é da primeira sessão o aspecto que damos junto. O sr. Prof. Marcelo Caetano, Comissário Nacional, presidiu à reunião e falou dos trabalhos que iam ser iniciados.



Ainda houve quem se divertisse, na passagem do ano. Mesmo sem céus, foi possível saudar alegremente o Novo Ano e mandar deltar fora sem saúde o ano que passou. 1944 foi alegremente saudado no «Wonder-Bar» do Casino Estoril, como se prova com documento junto...

## Ainda a propósito das improvisações

**A**s palavras que há dias aqui escrevemos, sobre caóticos aspectos do Cinema Nacional, parece não terem sido interpretadas, por determinadas pessoas, no seu verdadeiro significado. E porque os nossos reparos coincidiriam com os de outras vózes, na Imprensa e na Rádio, vá de atribuir-se aos desenfadados comentários o propósito de uma campanha, com esta intenção inconspicua: não deixar que outros apareçam e circunscrever a indústria aos quatro ou cinco realizadores em actividade.

Nada mais injusto — e mais disparatado. Se, pela nossa parte, alguma coisa pretendemos, dentro da missão que nos incumbe, como jornalistas de cinema, foi trazer o terreiro vários pontos de vista de carácter geral, discutir e analisá-los à luz da experiência dos factos.

Temos dito e redito — mas repetimos, mais uma vez — que o Cinema Nacional necessita de mais entusiastas e de novos adeptos. Os três ou quatro filmes por ano não chegam para dar vida à indústria. Nem sequer para ampará-la, quanto mais para mantê-la. Pela nossa parte, gostaríamos de saber que existiam trinta e não três produtores, quarenta e não quatro realizadores. Porque, em lugar dos três ou quatro filmes portugueses, em doze meses de expectativa e ansiedade, teríamos quinze ou vinte produções anuais. E então sobrar-nos-iam forças e razões para clamar pela lei de protecção, porque a indústria, pelo seu próprio alento, a imporia como realidade inevitável.

Assim, quereríamos que o capitalista, que vai lançar-se, pela primeira vez, na indústria, colhesse dela um resultado que o animasse a prosseguir. Desejariamos que o homem que se abalança a realizar, pela primeira vez, uma película, se rodeasse dos elementos e das condições de trabalho necessários, para que a mesma se não transforme no «suicídio espectacular», de que nos falou Leitão de Barros. E agora que já sabemos «como é», que a experiência não ensinou o que se deve fazer e o que se impõe evitar, parece-nos desolador que se reincida nos erros dos tempos da propaganda, quando o «slogan» «cinema português, feito por portugueses, em Portugal», nos autorizava patrioticamente a dissipar tempo e dinheiro para «descobrir» o que já estava descoberto, e para penetrar certos «segredos» da indústria, que um técnico estrangeiro, chamado a tempo, teria ensinado em pública demonstração.

Estamos muito longe de haver atingido a maturidade. Não sabemos fazer ainda o ditado sem erros, mas já não somos analfabetos. Perdoam-se as faltas de pontuação e de ortografia, os erros de concordância ou de sintaxe. Mas não se admitem as calinadas grosseiras e temos o direito de exigir que se saiba qual é o sujeito e qual o predicado.

Quanto a nós, consideramos deveras lamentável que o novel produtor ou realizador não colham resultados que, financeira e artisticamente, os animem a prosseguir. E isto porque desejamos sinceramente que continuem, por muitos anos, a consagrar-se à indústria, de alma e coração. Dentro da raquítica cinematografia nacional, cabem todos os valores, tôdas as iniciativas, tôdas as boas intenções, tôdas as boas vontades. Mas, pelo amor de Deus, não se convençam de que se pode fazer tábua rasa de princípios fundamentais — e que para realizar um filme bastam 10 por cento de audácia e 90 por cento de desejo de acertar.

Pela nossa parte, poderíamos aguardar tranquilamente que as obras mal nascidas aparecessem, para depois as condenar. Mas parece-nos mais útil, mais conveniente e mais construtiva, a crítica prévia, com funções de orientação, do que a catilnária violenta, quando a película já não tem apêlo, nem agravo. Mas isto é um ponto de vista pessoal — e, como tal, damos aos leitores o direito de pensar ao invés. O que não podemos consentir é que se deturpem malévola e palavras e intenções. Pela simples razão de que queremos respeitar e considerar as dos outros.

FERNANDO FRAGOSO

## A FILHA DE MARLENE CASOU-SE



**M**ARLENE Dietrich, a «vamp» das pernas fatals, pernas que ela já escondeu — ou pôs em foco, como queriam! — quando envergou as calças masculinas; Marlene, a diabólica e perversa mulher de tantos filmes — tem uma filha: Marie Elisabeth Steber, que, aliás, já apareceu, no cinema, seu lado em «A Imperatriz Vermelha». Marie Elisabeth, seguindo as pisadas da mãe, casou-se, há dias, no dealbar dos seus dezasseis anos. Aqui a vemos com o marido, o actor Dean Goodman, e que foi seu companheiro na Universidade de Wisconsin, onde se conheceram — e amaram.

## Gregório Garcia e sua noiva, Nazaré Felício vão interpretar, dentro de alguns meses, um filme português!



**O** leitor deve estar lembrado! A «Vida Mundial Ilustrada» contou-lhe, há alguns meses, a história, romântica e sentimental, do noivado de Gregório Garcia e de Nazaré Felício. O famoso toureiro mexicano, o maior idolo dos redondéis portugueses dos últimos tempos, enamorou-se de uma linda ribatejana, Nazaré Felício. Apazaram as bodas para o Verão deste ano. E enquanto ele não chega, as cartas dos dois cruzam-se sobre o Atlântico, a manter bem viva e chama de um afecto que nasceu irresistível.

Nazaré Felício é uma lindíssima rapariga de dezanove anos, tão graciosa como inteligente. Reúne condições invulgares para o cinema. E foi esta circunstância, aliada ao facto de Gregório Garcia ter manifestado o seu desejo de interpretar um filme, que fez com que Artur Duarte pensasse em reuni-los, num argumento propostadamente escrito para eles. Exposta a idéia, assente em principio entre os interessados, iniciou-se o trabalho.

Silva Tavares, o inspirado poeta a quem se devem algumas das mais lindas estrofes populares portuguesas, começou já a escrever o respectivo argumento. O filme, oficialmente, está a andar!

Além do «leitor» mexicano e de sua noiva, estão previstos, entre os principais intérpretes, os artistas Teresa Casal e Vergílio Teixeira. A acção desenrolar-se-á, como é natural, no Ribatejo. Haverá uma corrida de toiros, emocionante.

E a própria história real dos seus amores fornecerá o tema do argumento — e ninguém poderá dizer que não será profundamente verídico e profundamente humano!

## O que nos disse o crítico ROBERTO NOBRE sobre a actualidade cinematográfica nacional

**R**OBERTO Nobre, jornalista e crítico de cinema, que marcou o seu lugar pela acertada visão de interpretar a independência que sempre hortariam os seus juízos críticos, goza da fama de não ter «papas na língua». Diz o que pensa — e pensa o que diz. Por isso o quisemos ouvir sobre a situação actual da nossa cinematografia e sobre alguns dos mais recentes aspectos a ele ligados.

— Pode falar-nos de Cinema?  
— Sob que aspecto?  
— Por exemplo: o que pensa do último filme que viu?  
— Que vi? Não; que revii. Foi o «Amor de Perdição». Nos filmes portugueses e em alguns estrangeiros é certo ir vê-los mais duma vez. Como se faz a crítica à crítica...

— E que impressão lhe deixou a sua segunda ida ao «Amor de Perdição»?

— Sugeriu-me algumas considerações sobre a escolha dos argumentos. Creio que, ao contrário de Brum do Canto, que julgo se constrange e prejudica quando submetido a disciplina dum entrecho alheio, Lopes Ribeiro, dispersivo por temperamento, lucrou aqui com o ter de se submeter forçosamente a uma construção novellesca que não podia menosprezar.

— Assim acha o filme equilibrado?

— Não é bem isso. Na primeira metade sente-se muito o desconexo. Mas no restante obedece cena a cena ao texto camiliano, assentou mais o tom da narração e assegurou-se do interesse do espectador. Não é por ter encontrado o verdadeiro ambiente romântico, que é a maior falta do filme, não é também porque, como técnica, adquira excepcional altitude. Mas arranja equilíbrio, unidade na cadência da exposição e, principalmente, não esfrangalha a novela, não desperdiça intensidade dramática.

— Acha-lhe intensidade dramática?

— Sim. Na carreira deste realizador há coisas de que fui, sou e serei adversário irreductível. Isso não me impede, nem me impediu nunca, de, cinematograficamente, tentar ser justo. O filme tem vários defeitos — mas a sua maior virtude está em fazer chorar a platéia, não escangalhar o efeito dramático do romance de origem. Já tenho visto filmes nacionais que fazem rir onde deviam fazer chorar... Há ali rodrguilhões, é certo, mas são do próprio Camilo.

— Mas ainda há pouco...  
— ...a dureza da crítica foi útil ao realizador. Meteu-o em brios. Como

lhe disse, há aspectos fundamentais que me distanciam resolutamente de Lopes Ribeiro. Mas em cinema só laço meço quando é realiza mal e por vezes, como ultimamente, até propostadamente mal. Como se vê os êxitos comerciais não estão apenas nos filmes género «Parque Mayer».

— Que outras sugestões lhe ocorreram?

— Olhe, o discutido caso de Assis Pacheco. Sinto-me... responsável.

— Sim, fui dos que, antes de o ver trabalhar na tela, asseverei estar nêlo um actor de cinema.

— E, agora, depois de o ver?

— Mantenho. Houve ali um desencontro, de resto vulgar em cinema, entre o realizador e o intérprete. Temos de ter em conta que em cinema não se pode conduzir longe demais a desobediência ao «emploio» do actor. O realizador deveria ter levado o intérprete a defender-se dos muitos anos de baixa-comédia e farsa que a crise do Teatro atirou sobre ele. Mas o próprio realizador acabava de fazer farsas... Em arte raramente se improvisa a segurança nos meios de expressão, mesmo nos grandes actores.

— Considera-o, então, um actor de cinema?!

— Trata-se dum actor de muito bom quilate, mas muito afeto ao teatro e sem nunca ter trabalhado em estúdio, não sabendo, portanto, dosar os efeitos isolados, cena a cena, estando, como está, habituado a um ritmo de actuação, diante duma platéia, que sente reagir e que assim «controla». É um precalço comum aos bons actores de teatro que se estreiam na tela. Leslie Howard fala-nos disso num capítulo memorável.

— Acha que foram injustos?

— Assis Pacheco exagerou, deformou, caricaturou a personagem. Mas António Silva só não fez o mesmo à sua porque é dos actores portugueses com maior experiência de estúdio e sabe muito bem que, em cinema, a actuação tem de ser muito subtil. Faz falta uma cadeira de Cinema, mesmo teórica, no Conservatório.

— Em resumo: acha que neste filme o realizador fez progressos?

— Acerca de Lopes Ribeiro, cujos desastres últimos são bem conhecidos, direi apenas que este «Amor de Perdição» foi para ele um verdadeiro «amor de salvação»...

E aqui têm, em resumo, neste desenrolar de perguntas e respostas, sem anotações ou derivativos que distraíam a atenção do leitor, o que nos disse Roberto Nobre.

## Os autores novos PROTESTAM!

**E**STAMOS sinceramente satisfeitos com o interesse existente à volta dos artigos que aqui temos publicado sobre a necessária renovação do teatro português. Nestas páginas já passaram os depoimentos valiosos de Casais Monteiro, de Assis Pacheco, de João Pedro de Andrade e, ultimamente, de João Villaret. Ventilaram-se os vários problemas dos artistas e dos autores.

É precisamente dos autores — dos autores novos — que voltamos hoje a falar. Queixam-se os empresários de que os nomes são sempre os mesmos, de que não surge ninguém com vocação decidida para alargar os horizontes do teatro português.

Mas, diante de tal afirmação, os autores novos protestam. Na nossa secretária há algumas cartas em que se aponta a mesma revolta de sempre: os autores novos queixam-se, desgostosos, da indiferença, talvez mesmo, do desprezo, dos senhores empresários.

Afinal, quem tem razão? Existem algumas facilidades concedidas aos que tentam fazer-se representar, ou o meio está atrofiado por um grupo de senhores autores que tomaram o monopólio da cena portuguesa ou, ainda, os empresários só ligam atenção aos que têm um nome feito (cum nomé comercial) — como muitos dizem?

Eis as perguntas que estão de pé, neste nosso inquérito, que vai continuar nos próximos números.

Por agora, apenas podemos afirmar que os autores novos protestam. Protestam contra a falta de consideração de alguns empresários, contra a inutilidade dos seus esforços, contra a incompreensão de muita gente, contra a falta de carinho e de incitamento. E contra muitas outras coisas.

Vejamos, por exemplo, esta carta que está sobre a nossa secretária: o «caso» de Francisco Ventura, mais um autor novo que protesta.

Em 1939, teve um 2.º prémio no Concurso do «Teatro do Povo». A obra intitulava-se «Filho Sôzinhos», mas não foi representada. Aconselharam-no a entregar a peça a Alves da Cunha. Passado um ano, Alves da Cunha ainda não a lera, e o autor viu-se obrigado a pedir-lhe a sua obra desdenhada. Só mais tarde, mercê de pedidos indirectos, a entregou de novo ao mesmo empresário. Apesar de muito elogiada, a peça continua na gaveta, e não se sabe por quanto tempo mais...

Na época de 1941-1942, Francisco Ventura teve uma peça entregue à empresa do Nacional: «Casa de País». Recebida com bastantes elogios, «Casa de País» ainda nem sequer foi anunciada. Outra sua obra — «Crime» — teve melhor sorte. Chegou a entrar em ensaios. Mas não passou dos ensaios — por motivos de força maior alheios à empresa. E Francisco Ventura comenta, com razão:

*«Por isso, ao ler as notícias que os empresários se queixam de autores novos, não posso deixar de rir. Houvesse boa vontade e eles apareceriam, estou certo disso. Também se dizia que não havia romancistas nem Portugal era país para isso, e eles aí estão aparecendo com toda a força.»*

Muito bem, Francisco Ventura, estamos de acordo consigo. E desde já desculpe-nos dar à luz da publicidade as suas confissões. Bem sabemos que nos pediu reserva. Mas há vezes que se devem fazer ouvir. A sua é uma delas. E nós queremos ouvir todas as vozes dos autores novos que protestam!

G. M.



UM DEPOIMENTO OPORTUNO

## MANUEL ANSELMO FALA-NOS DO TEATRO BRASILEIRO

**A** geração dos portugueses de hoje admira o Brasil. Essa é uma verdade indiscutível. Sobretudo, a literatura brasileira veio levantar um eco de franco aplauso e de sincero interesse entre os leitores portugueses. Nomes, como os de Jorge Amado, de Ericeo Verissimo, de Luis do Régo, de Graciliano Ramos e de muitos outros, tornaram-se populares em Portugal. Pode-se até talvez dizer que os novos rumos da literatura portuguesa de agora se foram inspirar no exemplo brasileiro, em que o escritor e o poeta se debruçaram sobre o homem seu irmão para lhe auscultar os anseios e as esperanças, os sonhos e as desilusões, as alegrias e as tristezas.

Contudo, há uma manifestação artística em que Portugal pouco sabe do que se passa no Brasil. Referimo-nos ao Teatro. Na verdade, exceptuando uma quasi meia dúzia de artistas e de autores que conseguiram transpôr o Atlântico — o resto não chegou ainda ao conhecimento do grande público.

Mas surgiu-nos há dias uma oportunidade valiosa de oferecer aos nossos leitores revelações acerca do teatro brasileiro.

Manuel Anselmo, crítico e escritor, diplomata e intelectual, regressou do Brasil onde, entre outras funções, desempenhou o cargo de cônsul de Portugal em Pernambuco.

Por tanto, ninguém melhor do que Manuel Anselmo, espírito observador dos mais claros e profundos, nos poderia fornecer interessantes e desasombradas declarações acerca dos artistas, dos autores, do meio teatral da pátria irmã.

Genilmente, Manuel Anselmo accedeu ao nosso convite. E, especialmente para «Vida Mundial Ilustrada» ele escreveu estas sugestivas palavras, em que nos fala do Teatro Brasileiro...

— O teatro brasileiro é, por enquanto, quase inexistente. O próprio crítico literário Alvaro Lins, meu fraternal amigo e camarada, escreveu numa crónica recente o seguinte que é infelizmente exacto: «O nosso teatro não sugere e nem poderia sugerir a ninguém uma sensação de eterno».

## AS TRÊS PANCADAS

DOIS APONTAMENTOS

Quando o Cinema surgiu, houve logo uns senhores que apontaram a nova Arte como rival suprema do Teatro. Com o passar dos tempos, porém, o cinema aliou-se à literatura e, mais tarde ainda, ao próprio Teatro.

\* \* \*

Temos em Lisboa, no Apolo, uma peça de Poncela, intitulada «Branca por fora, rosa por dentro». Eis um exemplo magnífico para os nossos comediógrafos. Eles podem ver o que Poncela obteve com umas simples inovações. Está ali um feliz, um muito feliz espectáculo teatral, no seu género.

REPORTER DOIS

dade; pode ao contrário sugerir uma impressão oposta: de inexistência ou de morte. Be inexistência: é o mais exacto. Esta frase, que em meu entender se poderá aplicar igualmente ao teatro português contemporâneo, não equivale, porém, de nenhuma maneira, a negar as «excepcionais possibilidades teatrais, virgens e universais, que o Brasil — como poucas nações do mundo — possui! Os casos de Martins Pena, Artur de Azevedo, França Júnior, Renato Viana, Samuel Campelo e tantos outros reflectiram, nos palcos brasileiros, aquêle nocivo «episodismo» que André Gide castigou em sua célebre conferência de Bruxelas. A vida social do Brasil, os seus costumes, a virgindade ofegante de determinados sentimentos e aspirações, poderão facultar ao Brasil, num futuro próximo, um teatro brilhantíssimo. As tentativas de Octávio de Faria, com as suas magníficas «Três tragédias à sombra da Cruz», de Marques Rebelo, com a sua magnífica «Rua Alegre, 12», de Joracy Camargo e Maria Jacinta, (esta última recompensada com um merecido prémio literário da Academia Brasileira de Letras); demonstram duas ordens de acontecimentos: a descoberta diátrica, casual, anónima, de documentos teatrais na vida e costumes brasileiros; e as enormes possibilidades de construção dramática que, sob ângulos modernos, os novos escritores do Brasil possuem. Acrescente-se a isso que, salvo o caso de Dulcina de Moraes e de Procópio, quasi não possui o Brasil actores profissionais de categoria universal. Isso não obsta a que companhias de «amadouros», constituídas por médicos, advogados, jornalistas, senhoras e raparigas da mais alta sociedade, representem actualmente nos palcos brasileiros obras de Shakespeare, Pirandello, Lenormand, Curot e outros, com o maior brilho e competência. O «Teatro dos Amadores» de Pernambuco, dirigido pelo escritor, professor catadrático e membro da Academia Pernambucana de Letras, Dr. Waldemar de Oliveira, (por muitos brasileiros considerado o maior actor contemporâneo do Brasil), representou no palco do Santa Isabel do Recife peças de Eugène O'Neill, Ibsen, Claudel, Mauriac e Giraudoux. Tudo isto prova a extraordinária aptidão da gente brasileira para o teatro. Devo comunicar-lhe que o actual Ministro da Educação e Saúde do Brasil, Jr. Gustavo Capanema, (de quem é Chefe de gabinete um dos poetas mais dramáticos do Brasil de hoje, Carlos Drummond de Andrade), é um incansável impulsionador do Teatro Brasileiro. O nosso Gil Vicente, por minha iniciativa, esteve para ser representado em Pernambuco sob os auspícios do Ciclo Cultural Luso-Brasileiro que tantos serviços pôde prestar à cultura portuguesa em horas difíceis felizmente desaparecidas. O teatro de Virginia Vitorino, Alfredo Cortés, Vasco de Mendonça Alves, etc., foi, porém, representado no Brasil, sob o meu patrocínio, pelo grupo cénico da Tuna Portuguesa de Pernambuco, não patriótica e brilhantemente dirigida pelo nosso compatriota sr. Salvador Moscoso. Penso, porém, que o teatro brasileiro de amanhã será o que os maiores escritores de hoje do Brasil souberem ir surpreender aos sentimentos, contradições e conflitos íntimos da burguesia e proletariado do país irmão.

## Vivian Leigh



A grande artista de «E tudo o vento levou...» continua a alcançar grandes e extraordinários êxitos nos palcos londrinos, onde representou ultimamente a conhecida «Alice no país das Fadas». Cinema e teatro — eis duas artes que Vivian adora e às quais se entrega de alma e coração...

# A ARTE NORTE-AMERICANA

Por ISABEL ROSS



As exposições de arte que todos os anos se realizam na Washington Square, na cidade de Nova York, atraem multidões para admirar as obras que os artistas expõem nos passeios da cidade. A exposição deste ano era, na maioria, constituída por obras de homens no serviço das forças armadas.

EMBORA depositárias de verdadeiros tesouros, as galerias de arte americana — só depois da passada guerra passaram a merecer a mais cuidada atenção do público em geral, que, hoje, de posse do perfeito conhecimento das suas galerias e museus, acompanha o desenvolvimento da arte moderna, com verdadeira compreensão e apreço. Esse interesse vai até às regiões rurais, onde, mesmo atarefado lavrador, encontra tempo para se pôr a par com o movimento literário e artístico do seu país, pela leitura de jornais e revistas, pela rádio e pelo cinema.

São numerosas as fontes de onde a arte norte-americana recebe o seu incentivo. O governo, por exemplo, através do Federal Arts Project, auxiliou numerosos artistas — aplicando-os em certas obras como a pintura de murais para edifícios públicos, dando-lhes cargos em escolas de artes, encarregando-os de compilar material para a elaboração de uma história da arte americana, e estabelecendo centros artísticos de amadores. Muitos talentos se descobriram então, e os artistas americanos passaram a ocupar um lugar de destaque no mundo artístico.

Realizam-se actualmente nos Estados Unidos numerosas exposições artísticas — nas quais a categoria dos elementos vai desde os melhores trabalhos dos grandes mestres até às obras de desconhecidos amadores. Muitas das instituições mais conservadoras — curvaram-se perante a invasão da arte moderna, e vários museus foram especialmente criados para apoiar o seu desenvolvimento.

Durante as exposições de numerosas colecções de arte pública e particulares, realizam-se frequentes conferências. As escolas artísticas, de uma costa à outra dos Estados Unidos — são frequentadas por enormes quantidades de alunos. E, para acentuar ainda mais o interesse do povo ame-

ricano pela arte, diga-se que o número e artistas empenhados no desenho, na escultura e na pintura aumenta consecutivamente.

Os hábitos e as tradições do artista americano sofreram uma mudança radical nas duas últimas décadas. A arte, bem como as letras, têm evoluído do romantismo para o realismo. O último dos grandes românticos morreu no final da última guerra. A pintura americana pouco conhecida era no estrangeiro — exceptuando as obras de Benjamin West, James Whistler e de alguns outros pintores que se expatriaram para Londres, Munich, Paris e Dusseldorf.

São os seguintes os antigos mestres de pintura americana, cujos trabalhos se encontram expostos nas numerosas galerias de todo o país: Gilbert Stuart (1755-1815); John Singleton Copley (1737-1815); Winslow Homer (1836-1910); Thomas Eakins (1844-1916); Ralph Albert Pinkham Ryder (1847-1917); John Henry Twachtman (1853-1902) e Charles Harold Davis (1856-1933).

Nomes como estes dominaram o mundo artístico americano durante décadas seguidas — com os seus retratos e paisagens, verdadeiramente típicos da época em que viveram, quando a América começava a emergir dos tempos de colonização e os artistas da Escola do rio Hudson acompanhavam os primeiros exploradores às regiões desbravadas das Montanhas Rochosas e do Parque Yellowstone. Grandes fortunas se faziam nesse tempo e, com elas, grandes e valiosas colecções de arte se reuniam. Os artistas devotavam-se especialmente ao retrato, bem pagos pelos retratados.

Logo nos primeiros tempos deste século, começaram a fazer-se sentir na América as primeiras influências das novas escolas artísticas. O ambiente favorável em que estas foram recebidas manifestou-se em 1913 na Exposição Armory, realizada em Nova-York, de obras impressionistas, logo seguida por uma série de exposições dirigidas por Alfred Stieglitz, com as obras modernistas, dos discípulos da escola de Paris. Em dez anos, tiveram lugar cinquenta exposições do género — em que se destacavam as mais notáveis obras de artistas americanos — além das de Cezanne, Picasso, Braque, Matisse e outros modernistas.

De então por diante, acentuou-se o interesse e a América tornou-se melhor conhecida dos seus artistas, plenos de poder e originalidade. Actualmente, a obra de artistas como Thomas Benton, Grant Wood e John Etewart Curry, é conhecida e altamente apreciada, não só nos Estados Unidos como no estrangeiro.

Entre 1910 e 1935, a arte americana foi fortemente agitada. John Sloan, George Luks e George Bellows revoltaram-se contra o impressionismo procurando formar uma nova escola, a do neo-traditionalismo. Sloan ainda é notável pelo seu génio criador e pela sua influência pessoal pois, tal como Marsden Hartley, Preston Dickinson e Louis Eilshemius dirigiu-se suavemente através do período de transição, para os canais da arte moderna, sem nunca perder de vista a influência contemporânea. Cerca de 1930 criou-se, finalmente, um movimento artístico suficientemente distinto e original, para ser chamado americano. John Marin dedicou-se à interpretação de motivos regionais — a costa de Maine, as ruas de Nova-York, os vales e as criações de gado do sudoeste. As pinturas de Reginald Marsh — da cidade de Nova-York — reflectem o forte poder descritivo que é uma das mais notáveis características da arte americana.

Charles Burchfield, mais imaginativo e menos realista que o grupo regional, escolheu uma grande variedade de assuntos; Georgia O'Keefe criou uma técnica totalmente sua, com um admirável tratamento das flores e dos cactos.

Outros artistas americanos — cuja obra

A colónia de arte de verão em Rockport, é uma das muitas que se encontram nos Estados Unidos. Na fotografia, o pintor Aldro T. Hibbard, corrige um trabalho de uma aluna.

contribuiu notavelmente para o conjunto da arte contemporânea: Alexandre Brook, Eugene Speicher, Paul Cadmus, Charles Sheeler, Henry Lee Mc Fee, Sepino Mangravite Peggy Bacon, Rafael Soyer e Rockwell Kent. Além desses, vieram para os Estados Unidos vários artistas exilados da Europa, entre os quais se contam: George Cross, Lionel Feininger, Eugem Spiro, Fernand Leger, Yves Tanguy, Oscar Stoesel, Marc Chagall, que actualmente se encontra no Museu de Arte Moderna, e Amadeo Ozenfant, que dirige a Escola Ozenfant de Artes na cidade de Nova-York.

Além destes artistas de renome universal, há milhares de outros menos conhecidos — que contribuem para enriquecer a vida cultural dos Estados Unidos, com a variedade e originalidade dos seus talentos. Actualmente existe público para todos os géneros de arte, desde o conservantismo das exposições da National Academy até às dinâmicas e, algumas vezes, estranhas obras do Congresso de Artistas Americanos, fundado em 1936.

Antigamente, Paris ou Roma eram o objectivo inevitável dos estudantes americanos de arte. Hoje, já isso se não dá, pois existem nos Estados Unidos numerosas escolas, onde os estudantes se podem dedicar inteiramente a todos os ramos da arte.

A Sociedade dos Estudantes de Arte, de Nova-York, é a mais independente das escolas artísticas existentes nos Estados Unidos. Fundada em 1875, é mantida por cotas dos seus associados, cujo número se eleva a 700. O ambiente da escola americana de arte é muito semelhante ao «atelier» francês — embora ligeiramente convencional.

Outra influência europeia, muito em voga hoje em dia nos Estados Unidos, consiste nas exposições ao ar livre de pintura e escultura — uma das mais notáveis das quais, foi a que recentemente se realizou em S. Francisco, com a colaboração de 500 artistas contemporâneos, representados por 1.000 trabalhos. O Grémio de Escultura também organiza frequentes exposições nos telhados dos arranha-céus de Nova-York, num bairro considerado como o correspondente americano do Bairro Latino, de Paris, ou de Soho, de Londres. A exposição deste ano foi dedicada aos trabalhos de artistas em serviço nas forças militares.

Se bem que Nova-York, S. Francisco, Chicago, Boston e Nova Orleans sejam os grandes centros artísticos americanos, são frequentes as colónias artísticas em numerosas outras cidades dos Estados Unidos que, invariavelmente, criam os seus próprios estilos e ambientes.

A colónia Woodstock, em Nova-York, é uma das mais conhecidas. A personalidade notável de Robert Henri, que ali leccionou — atraiu conhecidos nomes do mundo artístico internacional a essa colónia, considerada como que reflectindo o modernismo francês, embora a sua obra não se limite a qualquer escola em particular. Entre os seus membros, contam-se nomes como Leon Wroff, Kenneth Hayas Miller, Peggy Bacon, Alexandre Brook, Doris Lee e Henry Mattson.

A Nova Inglaterra possui um número considerável de centros artísticos, dos quais um dos mais importantes é Dorset. A sua paisagem, de facto, é convidativa e por isso vários artistas ali se estabeleceram.

Se bem que Maine, um dos mais belos estados norte-americanos, nunca tenha criado a sua escola própria de pintura, os artistas procuram as suas costas rochosas e recortadas sobre o Atlântico como um dos mais belos motivos que lhes é dado pintar nos Estados Unidos. Winslow Homer, conhecido como o mais poderoso representante da pintura paisagista americana, ocupa a cabeça da lista dos «pintores de Maine», logo seguido de Rockwell Kent e John Marin. Ao longo da costa, ainda se encontram espalhadas outras colónias artísticas, em Kittery, Ogunquit, Kennebunkport, Cape Elisabeth, Boothbay Harbour, Monhegan e Mount Desert Island.

Ainda na costa do Atlântico encontra-se a Escola de Arte de Cape Cod, em Provincetown, fundada em 1901 por Charles Hawthorne, cuja obra foi

continuada após a sua morte, em 1930, pela Associação de Arte de Provincetown — que, pela organização de exposições anuais, fez dessa cidade um dos mais importantes centros artísticos americanos.

Em Connecticut — outro estado onde em várias cidades se realizam exposições anuais de obras de artistas locais — trabalham Edward Redfield-Daniel Garber, William Lathrop, John Folinsbee e Valentine Orgies.

A região do médio-oeste também é importante sob o ponto de vista artístico. Uma das suas cidades, Sanganuck, no estado de Michigan, possui uma das mais importantes colónias artísticas da região. Situada na extremidade de um canal, a sua beleza natural faz dela um local preferido dos pintores paisagistas. Nessa cidade realizam-se anualmente exposições de Verão.

No estado de Missouri, terra de Thomas Hart Benton, encontram-se numerosos centros artísticos, pois as suas vastas searas e o seu povo constituem motivo de interesse para os artistas.

Em Iowa, um grupo de artistas novos, estimulados pelo êxito de Grant Wood e inspirados pelo seu vasto emprego de motivos regionais, dedicam-se com calor à interpretação dos seus temas favoritos — reunidos numa colónia fundada por Grant Wood, juntamente com Edward B. Roman e Adrian Dorbusch, cuja influência contribuiu para a criação de um vigoroso movimento artístico em Iowa. Kansas compartilha do sucesso alcançado no mundo das artes pela região do médio-oeste, sendo no seu seio que se encontra um dos mais distintos artistas modernos americanos — John Steuart Curry.

Outro ponto obrigatório para todo o artista que se queira inspirar nas belezas da natureza, encontra-se nas Montanhas Rochosas, em Colorado Springs, onde, todos os anos, mestres de outros pontos do país são convidados a ministrar ensinamentos.

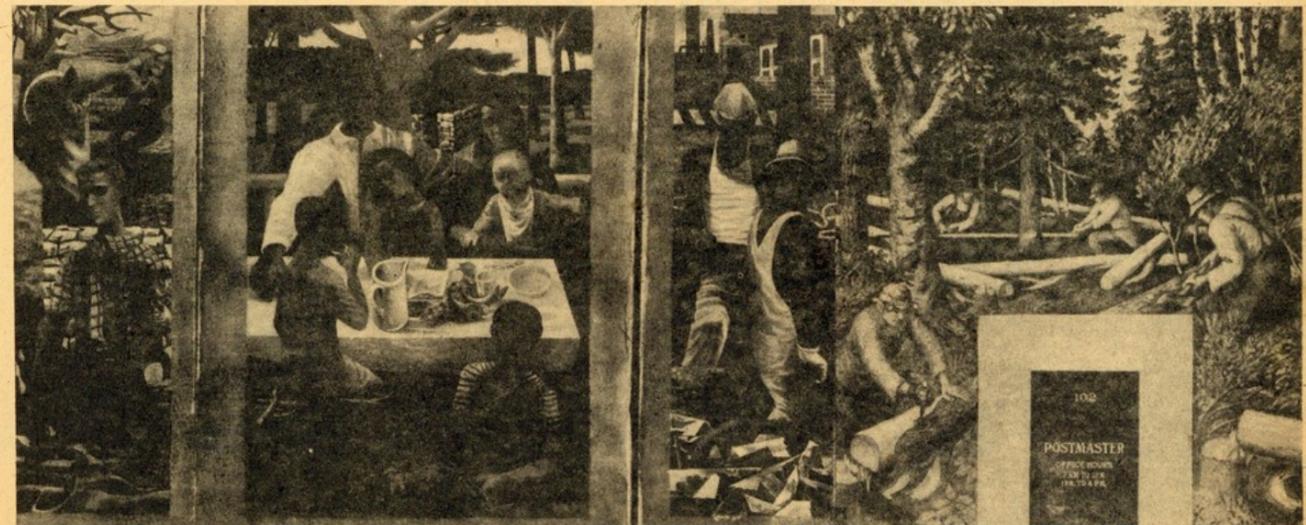
No extremo sul dos Estados Unidos, em New México, encontra-se a famosa colónia de Taos, onde se estabeleceram numerosos artistas. Em 1898, dois jovens artistas, Bert Phillips e Ernest L. Blumenschein, viajando de Denver para a cidade de Mexico, fizeram uma paragem na pequena povoação de Taos. Fascinados pela maravilhosa paisagem, deixaram-se ali ficar fundando a Colónia de Arte de Taos. Depressa acorreram ali outros pintores e, em breve, a fama do grupo espalhava-se pela Europa, a ponto de virem artistas da Rússia, da Austria e de Inglaterra para se juntarem a êle. Em 1923, formou-se um grupo a que se chamou os «Pintores de New México», que não era mais que a fusão das colónias de Taos e Santa Fé.

A Colónia de Arte de Wayside, na Califórnia, patrocina numerosas exposições dos artistas de Long Beach. Em Carmal, minúscula cidade também da Califórnia — encontra-se uma galeria de arte, onde se realizam frequentes exposições. S. Francisco e Los Angeles são cidades que mantêm uma vida vincadamente artística.

Em Sarasota, na Flórida, nasceu uma vigorosa colónia artística à volta do seu museu, legado à cidade pelo seu fundador, John Ringling. Esse museu dispõe de uma colecção de 700 notáveis obras de arte. Como Sarasota é a sede dos circos Ringling Brothers, Barum e Bailey, os artistas têm ali uma oportunidade única de pintar animais selvagens.

Em numerosas colónias como, por exemplo, as de Tiffany Yaddo e Mac Dowell, convidam-se alguns artistas de valor para trabalhar, sem preocupações financeiras. Concedem-se bolsas de estudo a estudantes de arte, e as universidades e liceus de todo o país esforçam-se por desenvolver a arte norte-americana.

Entre os principais prémios concedidos por obras de arte notáveis — contam-se os da Academia Nacional de Artes e Letras, da Corcovan Art Gallery, da Academia Nacional de Desenho, da Academia de Belas Artes, de Pennsylvania e da Liga de Arquitectura de Nova-York.



Nos últimos anos, milhares de grandes murais têm sido pintados por artistas americanos em diversos edifícios públicos. O que se vê na gravura é da autoria de Phillip Guston e encontra-se numa das salas do edifício da Comissão de Segurança Social, em Washington.

A vida da floresta nos Estados Unidos — encontra-se representada nos grandes murais de vários artistas contemporâneos, destinados a certos edifícios públicos. O que se vê na fotografia, foi pintado por Waldo Pierce, conhecido artista americano.

## Perdeu-se uma mala de viagem, mas encontrou-se o TRIO LAMITI...

**A**QUILO foi assim. Ia o repórter de mãos nas algibeiras, nos ponta-pés com as pedras, quando viu, junto do candeeiro, uma mala de viagem. Não julgou que era uma mala qualquer, velha, já sem préstimo. Pelo contrário. Era novinha, de bom coiro, muito castanha e luzidia.

O repórter olhou para um lado, olhou para o outro. Ninguém. Ninguém, a não ser ele, a mala e o candeeiro. Tudo levava a crer que a mala estivesse ali abandonada ou esquecida. Todavia, o repórter, cheio de escrúpulos, não ousava pegar nela, abri-la, intear-se do seu conteúdo.

Em frente, na placa da avenida, havia uma cabine telefónica. Uma senhora, lá dentro, sorria para o bocal. Talvez fosse a dona da mala, pensou o repórter. Todavia, muito estranho lhe parecia que a senhora a tivesse deixado ali, tão distante, quando seria mais prático tê-la consigo na cabine.

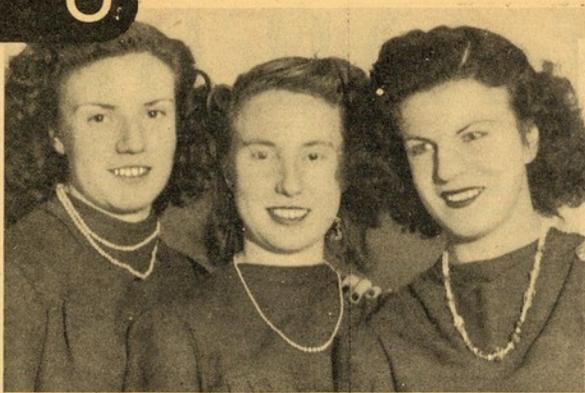
O repórter esperou. A sua curiosidade cada vez era maior. Se a senhora, terminado o telefonema, seguisse avenida abaixo ou acima, estava mais que provado que a mala se encontrava abandonada. E, com franqueza, o repórter tinha direitos a ela — porque fora quem primeiro a viu.

A senhora abre a porta da cabine e sai. O coração do repórter bate-que-bate. Ia-se jogar o destino daquela preciosa mala e, quem sabe, dos tesouros que a ela continha.

A senhora nem olha em frente. Envolve-se melhor nas pedras do seu casaco e abala avenida acima. Pronto, a mala era do repórter... Num rompante de coragem pegou nela, pela asa, e, num ar muito natural, como se o achado fosse pertença sua, vai descendo a avenida.

O seu coração cada vez bate mais alto. Estava sempre à espera de ouvir um grito, um berro, sentir passos de alguém a correr no seu encalço. Que, pensando bem, aquilo era quase um roubo...

No primeiro vão de escada, o repórter entrou mais a mala. Estorava de curiosidade. Que havia ali dentro? Ainda assim, o péso não era grande. Mas podia ser dinheiro. Dinheiro ou jóias. E quem



sabe se a mala não teria sido abandonada por alguma quadrilha de gatunos em fuga?

O repórter trepou até ao patamar do segundo andar, para não ser surpreendido por quem passava pela rua. Então, abriu a mala. Não estava fechada à chave, felizmente. Bom Deus, que estranho achado! Nem dinheiro nem jóias. Apenas isto: três vestidos de esbores, um azul, outro cor-de-rosa, outro branco, três pares de sapatos prateados e... e um casquinho. Mais nada. Mais nada, não. Havia ainda um caderno com algumas músicas.

É preciso não ter vergonha de o confessar, mas o primeiro pensamento do repórter foi apenas este: «que destino posso eu dar a isto?». Ainda se tivesse irmãs, a quem oferecer os vestidos. O casquinho sempre fazia arranjo... mas os vestidos e os sapatos?...

De repente, os olhos do repórter topam com um cartão de visita que havia caído de dentro do caderno de músicas. O cartão dizia: «Trio Lamiti, artistas de rádios». E o repórter foi acometido de uma crise de escrúpulos. Já que os vestidos não lhe serviam, porque não os devolver ao Trio Lamiti, que devia ser o verdadeiro dono? É pronto, telefonou-se para a Emissora. Foi a Maria de Lourdes que apareceu.

— Escute: 'perderam alguma coisa?'

— Não... — e de súbito:—A nossa mala, onde está a nossa mala? Meu Deus, perdemos a mala!

Muito digno, o repórter disse que a tinha achado, mas que não a abria, naturalmente. Sim, que ele era pessoa honesta. A Maria de Lourdes agradeceu e marcou-se aquele encontro, ao fim da tarde, na redacção de «Vida Mundial Ilustrada».

LALI + MILÚ + TITA = LAMITI

As sete e meia da noite, a nossa redacção tinha um ar de festa. Havia três sorrisos femininos de volta da mesa do repórter. Era a Maria Laura, a Maria de Lourdes e a Maria Beatriz. Três vizinhas bonitas que a Emissora foi descobrir a Setúbal para os seus programas de variedades. O pai destas três Marias, o distinto maestro Armando Gomes, que as acompanha sempre nas viagens de Setúbal a Lisboa, pede que em honra do «cachador da mala», elas cantem uma das suas canções bem portuguesas, arrancadas ao folclore do norte. E elas cantam. E, que bem que elas cantam! (Final, pensava o repórter, a honestidade é sempre recompensada). Depois, fala-se de rádio. A Lali, a Milú e a Tita (é assim que elas se chamam na intimidade) são três grandes entusiastas pela música portuguesa. Nada de «swings», nem de bigaffles; música portuguesa autêntica, pura, verdadeira, como apenas o nosso povo sabe sentir e cantar.

O trio Lamiti estreou-se no dia 13 de Novembro do ano passado, na E. N., no dia da despedida de Milú. E logo ganhou lugar de honra entre as nossas artistas de rádio. É que o trio Lamiti tem personalidade. Quando elas cantam, sentimo-nos mais agarrados à terra, a ver desfilar ante os olhos aquela boa gente do norte, com os seus cantares ora alegres ora melancólicos. E isto é qualquer coisa.

— Qual é a ambição de vocês? — pergunta o repórter.

E elas em côro, sempre muito afinadinho:

— Vir morar para Lisboa...

Mas isso sim. Onde há por aí uma casa «possível»? Que, em Setúbal, as Lamiti são as meninas bonitas da terra. Quando elas passam, toda a gente diz: «olha, ali vão as Lamiti... Até há quem afirme que as três grandes glórias de Setúbal são a Avenida Tódi, Bocage e o trio Lamiti — e talvez tenham razão...

REPÓRTER UM

## À ESCUTA... Há horas felizes ou a humanidade de um senhor cabotino

«Há horas felizes» é o título de uma peça radiofónica de Olavo de Aça Leal que a Emissora Nacional transmitiu na semana passada. Não se sabe por que razão lhe deram o sub-título de peça radiofónica. A não ser as três pancadas de um relógio, não existe mais qualquer outra pincelada de ambiente.

Todavia, a peça está bem feita. Bem feita não como peça radiofónica, que o não é, mas como diálogos inteligentes, bem urdidos e com recorte literário.

A história é fútil? Bom Deus, mas o que para aí há mais são histórias fúteis! O «grande defeito desta não é ser fútil — é ser negativa. Mas conta-se em duas penadas: um senhor dado a divagações nocturnas, encontra, à esquina de uma rua (3 horas da manhã), uma cateleira, rapariga bem feita, o que parece, que, meiga, meliflua, insiste em vender-lhe o jógo.

O senhor não é endinheirado. Nada ou quase nada traz nas algibeiras; senão, ah!, senão compraria as cateleiras todas... Mas não o julgamos tocado por algum sentimento de humanidade. O senhor apenas vê na cateleira traços que lhe sugerem obras de arte, quer um baixo relevo digno do Museu do Louvre, quer uma peregrina de Ticiano, quer as duas coisas simultaneamente.

A rapariga, porém, acaba por vender o jógo a um senhor que passa, e retira-se rua abaixo. O nosso passageiro vai a uma taberna, emboracando grande copo de aguardente e, com o estômagozinho confortado, lembra-se de ir no encalço da cateleira. Eis que se ouve uma voz ciciada, quasi soturna. É a voz da consciência, que lhe chama cabotino e talvez com razão. Censura-o, quasi se zanga por ele telmar naquela perseguição amaluçada. E que não julgasse ir apenas por ela, se parecer com o tal baixo relevo ou com a peregrina de Ticiano. Isso sim! Ele ia mas era atrás da mulher.

O senhor reflicta, procura desculpas e evasivas, mas é vencido. Triunfara a voz da consciência. E triunfara porque conseguira fazer-lhe ver que tanto a mulher como o filho que o esperavam em casa se pareciam com telas e com bronzes do British Museum.

Olavo de Aça Leal, Maria João do Vale e Maria de Oliveira foram os intérpretes. Vozes muito naturais, muito radiofónicas.

Repetimos: bem urdida, no género e para o público a que se destina, a peça é modular; a ela não é estranha a influência do cinema, sobretudo na maneira de contar.



## PATRICE NUNSEL

**T**EM dezito anos apenas esta menina de voz de ouro. Patrice Nunsel se chama ela. É morena, alta, de grandes cabelos e olhos negros.

O ano passado, Patrice Nunsel era uma «menina sem importância». Vivia em Spokane, sua terra natal, lá para os confins da América. Cantava. Mas em Spokane havia muitas meninas que cantavam. Tantas que ninguém fazia caso da vizinha de ouro da Patrice Nunsel.

Um dia — há sempre um dia, que é dia grande, felizmente — ela é convidada, quasi por favor, para cantar numa festa em benefício da Cruz Vermelha Americana. E pronto: a sua vida estava traçada. Patrice Nunsel agradou tanto, tanto, que a forçaram a ir para Nova-York e a matricularam numa escola de canto.

Em Setembro recebia ela o prémio que anualmente é conferido aos jovens cantores, a fim de os encorajar a prosseguir na sua carreira. Era a primeira vez que se dava tal distinção a uma rapariga tão nova.

Este Natal trouxe-lhe um grande presente: um contrato por três anos para cantar na Ópera Metropolitana.

Na foto que publicamos vemos a soprano Patrice Nunsel ao piano, no momento de ensaiar uma canção para a sua estreia, que deve ser para o próximo mês.

Resta dizer que em Spokane, as pessoas que preferiam a voz da filha do boticário à de Patrice, e que nunca a convidavam para as suas festas, dizem hoje, a quem as quer ouvir, que sempre pensaram que ela havia ainda de ser alguém. O pior é que Patrice sa ri delas...



Jovem, muito jovem e bonita, Emilia Ferreira alcançou mais um êxito na festa de caridade a favor da «sopa dos Pobres de Santos», que se realizou há poucos dias, perante numerosa assistência. A sua voz bem quente, bem castiça, arrancou, nos finais de cada número, aplausos vibrantes de um público que a admira e acarinha.

# "As mil e uma noites"

Coligidas por Eduardo Dias

**P**OR combinação das circunstâncias e gosto de pessoa culta, o sr. Eduardo Dias tem peregrinado o Próximo Oriente, tomando intelectualmente o fêlito inquietador do viajante que prévias curiosidades históricas esclareceram. Enfiou no mundo literário publicando «Óres do Mundo», em que reúne impressões de viagens no Mediterrâneo, Grécia, Egipto, Sirta e Líbano; e logo depois o seu demorado estudo sobre a doutrina, a história e o mundo islâmicos, sem especiais preocupações críticas, mas com interesse descritivo evidente, deu-lhe lugar destacado entre os especialistas da matéria. Posteriormente, traduziu e adaptou contos árabes, prestando enfim ao pequeno e estreito mundo literário português o serviço de coligir em edição muito pessoal as melhores narrativas das «Mil e uma noites».

Sem conhecer os textos originais e as tradições mais ou menos felizes e fiéis que se fizeram a partir do século XVIII em línguas europeias, será impossível, sem dúvida, apresentar a crítica ou a apreciação fundamentada do que é mais importante em trabalho desta ordem: a amplitude com que foi compreendida e a justiça com que foi transposta para a nossa língua esta obra prolíza e vasta da imaginação persico-árabe.

O que se pode, todavia, é apontar aos leitores desta página o interesse, a flagrante sedução e o encanto certo da criação literária que melhor exprime a íntima realidade espiritual da civilização islâmica. A edição coligida por Eduardo Dias não deve servir, aliás, para cogitações erraditas — nem o critério de selecção adoptada permitiria que ela fosse utilizada como fonte segura de reflexão crítica sobre a história da literatura que a expansão árabe criou.

Como Eduardo Dias afirma no prefácio do seu trabalho, foram suprimidas aqui, como em todas as outras traduções europeias das «Mil e uma noites», exceptuando a de Mardrus, as passagens de erotismo abjectos incompatíveis com o gosto e a civilização occidentais. Foram também sobrevidas as narrativas prolízas e suprimidas as enfadonhas e frequentes repetições, tal como as longas e insulsas tiradas poéticas.

Ora o erotismo, a prolíxidade, a repetição, o alongamento poético são características especialmente reveladoras do espírito mulhumano. Chamar «abjectos» ou qualquer coisa de semelhante

ao erotismo das «Mil e uma noites» é já preconceito de ocidental — e não é legítimo que um conhecedor apurado dessa civilização se coloque assim na ridícula atitude de julgador moralista e conceituoso. Não é legítimo que chame «grunhir umas lérias» às digressões com que o narrador interrompe ou prolonga as suas narrativas perante um auditorio islâmico. Em ambos os casos deve ter ido longe de mais o critério depurador de Eduardo Dias, prejudicando a exacto e sugestivo sentido da sua versão. Fê-lo em benefício dos leitores mediocres, talvez; mas já seria tempo que em Portugal se fizesse menos caso dos leitores mediocres, arrastando à mediocridade as obras que lhes são dirigidas e tornando-os ainda mais mediocres do que já são.

Nesta edição das «Mil e uma noites» houve excessivas intenções de facilidade a dar aos que a lerem e demasiado pouca intenção explicativa e crítica. A intenção de mais e a intenção de menos são duas formas igualmente perigosas da traição do adaptador de uma obra.

A verdade, porém, superando esses inconvenientes, é que Eduardo Dias proporcionou, ao público que lê neste país, uma versão das «Mil e uma noites» agradável, colorida, ágilmente conduzida no fio variegado da narrativa; e se excluímos a feição inótilmente arcaizante da linguagem em muitos passos da obra, a forma literária em que está expressa é atraente e fácil como convinha. O comum dos leitores gostará sempre de acompanhar as narrativas fantasiosas de Xerazade, estrando-se pelos domínios do sonho e da magia e revivendo o estado de graça original da infância em que todas as quimeras se encorpam como verdades na substância interior. Os tapetes mágicos, os géntios benevolos ou maus, as visões doutrinas dos palácios orientais, o erotismo de multiformes aspectos, a formosura dos séres imaginários, perduram ao longo do tempo em muitas outras criações da fantasia que nos alimentam.

Todos caminhamos na vida — e até à morte — sob o peso moral e de um maniqueísmo que nenhuma doutrina dos palácios orientais, o erotismo de multiformes aspectos, a formosura dos séres imaginários, perduram ao longo do tempo em muitas outras criações da fantasia que nos alimentam.

ALVARO SALEMA

## RIBEIRO COUTO, o «homem cordeal» publicou o «Cancioneiro do ausente»

**F**OI êle que encontrou essa definição dos homens do seu país: «o homem cordeal» — um título que Zweig sancionou no «Brasil, país do futuro» — é o brasileiro amável por temperamento, solidário e amigo do semelhante. Pois bem: esse poder instintivo de solidariedade e afectividade simples vive nele próprio — Ribeiro Couto, diplomata, escritor, poeta e brasileiro. Muitos o terão visto, altas horas da noite, passar no seu carro

por essas ruas estreitas de Lisboa, para levar a casa uma criança perdida de sono nas fadigas de um trabalho irregular; muitos o terão visto estar onde estão ou onde passam quantos vão sem calçado, mal vestidos ou sem pão. Porém, este homem cordeal, que na definição psicológica dos seus a si próprio se «define» — não está só onde houver o travo do destino para o seu irmão-semelhante. Bom companheiro, êle está sempre onde se faz espirito e cultivam amizades. E foi assim que Ribeiro Couto conquistou Lisboa, sem deixar de se sentir conquistado.

O livro que nos trouxe agora, como suave mensagem do seu espirito subtil, chama-se «Cancioneiro do ausente» — e bem se pode chamar uma saudade e evocação poéticas — mistura de suavidade e de ternura sem lágrimas...



## FAÇA DE PAPEL

— «A guerra dos macacos», edição de uma biblioteca infantil da Empresa Literária Universal, é uma colecção deliciosa de contos em que António Botto pôs o melhor do seu grande talento inventivo e narrador. Entre tanta coisa errada que por aí se apresenta como literatura para crianças, este pequeno volume parece uma aragem de frescura, inteligência e graça.

— O etnógrafo competente que é Luis Chaves vai publicar em breve, na Editorial Inquérito, um trabalho sobre o folclore português.

— O escritor Justino de Montalvão, português viajado e muito viajante, traduziu para a nossa língua a obra de Christian de Caters «O Japão visto por um francês». A obra tem actualidade, interesse literário e sedução narrativa agradáveis a todas as espécies de leitores.

— Henrique Marques Júnior, que tem uma vida inteira dedicada à literatura dos pequeninos e que dirige actualmente o «Colecção Pinóquio», da Livraria Latina Editora, deu-nos mais um volumezinho com uma novela infantil: «Os cavaleiros da Távola Redonda». Henrique Marques Júnior sabe assim, aliar ao prazer da leitura, o interesse cultural — uma coisa de que às vezes se esquecem os autores de livros para crianças.

— O poeta Alberto Cardoso dos Santos traduziu da versão francesa de M. Ibrovac alguns poemas escolhidos do grande lirico sérvio Vojislav Illich (1860-1934). Representa este poeta estabo um grande papel na renovação dos seus temas e processos literários do seu país, e é um útil serviço à literatura comparada esta versão livre de Cardoso dos Santos, que não deve ter prejudicado a elevada expressão destes poemas.

## 10 MINUTOS COM SOEIRO PEREIRA GOMES



**P**ELO seu romance «Esteiros» em que vive e palpita uma infância atormentada sob a dura pressão da natureza e dos homens, Soeiro Gomes marcou um roteiro entre os escritores novos de Portugal. Na sua prosa simples, descarnada e directa, estremece uma grande aspiração que

o futuro há-de cumprir; e em seu nome trabalha e preserva o jovem romancista, de cujo apuramento no estilo e na expressão humana muito devemos esperar.

Esta breve entrevista condensa, ainda na sua forma enérgica e pessoal, o pensamento do escritor e a índole do homem. Daí o seu valor como documento literário da nossa época — em que a literatura deve estar muito próxima dos homens reais e vivos.

— Em que trabalho literário se ocupa, presentemente?

— Esperava publicar, ainda este ano, um novo romance; mas, por várias razões e mau grado meu, não está ainda concluído. «Engrenagem» — assim se intitula o livro — é o drama do camponês projectado para fora do seu meio social, por efeito da industrialização. Dessa adaptação ou inadaptação à nova vida, nascem os conflitos individuais dos personagens, através dos quais procuro mostrar, talvez sem conseguir, o desgast brutal das energias humanas mal aproveitadas.

— Que pensa dos novos escritores? — Antes do mais, penso que não há escritores novos, nem velhos, mas sim

escritores que se situam ou não, dentro da sua época, e que sabem ou não expressar com realidade e humanidade os problemas individuais e colectivos dessa época. Em vez de novos e velhos acho que se devia dizer antes escritores retrógrados e progressistas.

— Portanto, o escritor tem por missão...

— Em primeiro lugar, destacar os antagonismos da sociedade, nos quais se filiam todos os dramas. Depois, contribuir objectivamente para a solução desses antagonismos. Dupla missão destrutiva e construtiva, de que resultará, em síntese, o contributo do escritor para o progresso humano.

— Confia, pois, na valorização da literatura nacional, especialmente do romance?

— Sim. Na hora presente, o mundo assemelha-se a um imenso cundido, em que se funde e amalgaama toda a estrutura social. Dessa elaboração, há-de sair os novos valores materiais e morais que darão ao trabalhador intelectual maiores possibilidades de realização artística. Já alguém disse que o escritor deverá ser «engenheiro de almas»...

## OS CHARUTOS DE RAMALHO ORTIÇÃO

**E**M Ramalho consubstanciavam-se muitas vezes o sincero e o teatral. Contava Fialho de Almeida que certo dia pretendu visitá-lo na sua casa da Calçada dos Caetanos; mas esqueceu-se do número da porta e foi perguntá-lo a uma lojinha de tabacos situada nas imediações. Uma velha que o atendeu disse-lhe que esperasse um pouco; foi ao fundo da loja e remexeu numa caixa de charutos; e quando voltou disse a Fialho:

— Escusa de procurar o sr. Ramalho Ortigo porque êle não está em casa.

No dia seguinte voltou e repetiu a pergunta. A velha tornou a fazer a mesma operação e informou:

— Sim senhor; vá ao número tal, que o sr. Ramalho Ortigo está em casa.

Intrigado com o caso, Fialho perguntou-lhe como conhecia tão bem os passos do autor das «Farpas».

— É que o sr. Ramalho quando vai para casa compra sempre charutos de 10 réis e quando sai com demora, leva charutos de 3 vinténs...

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

### O T E A T R O D A L U T A

O território russo, numa extensão certamente maior do que aquela que se registou em guerras interiores, ia ser, mais uma vez na história, o teatro duma luta sem tréguas entre o poder militar do germanismo, a Wehrmacht, e a máquina militar que os soviéticos haviam construído e que era a expressão do potencial dos eslavos, o exército vermelho. Há, por isso, toda a vantagem em conhecer, embora numa forma sumária, as características desse território e a influência que essas características vieram a ter no decurso das operações.

Em primeiro lugar deve acentuar-se a extensão do território russo, com todas as suas consequências na estratégia dos beligerantes. Uma superfície global de vinte e dois milhões de quilómetros quadrados permite aos defensores uma elasticidade na sua concepção de manobra que pode, em determinadas circunstâncias, tornar-se o factor capital da decisão estratégica.

Do Báltico aos Urais (considerando apenas o que convencionalmente se chama a Rússia europeia) medeiam cerca de dois mil e quinhentos quilómetros. De Murmansk ao sul do Cáucaso, a distância é incomparavelmente maior. Pode dizer-se que, praticamente, a frente militar a leste se estendeu invariavelmente entre Leninegrado e a Crimeia e que, embora ela se não tivesse movimentado em toda a sua extensão nas várias fases da luta, foi preciso sempre guarnecê-la efectivamente em vista de surpresas que, de resto, com uma frequência maior ou menor, sempre se verificaram.

O espaço foi, em todos os tempos, um obstáculo temeroso a vencer pelos exércitos em luta e a esse respeito a campanha da Rússia, iniciada em 22 de Junho de 1941, não trouxe qualquer novidade. Também não é novo que, em todos os tempos, os grandes capitães tiveram a sensação inicial de que lhes é possível, com o seu génio ou com a sua técnica, vencer os obstáculos físicos irremediáveis dos quais, em última análise, vêm a ser vítimas. A Rússia, onde Carlos da Suécia e Napoleão haviam succumbido perante a imensidade do território, oferecia a esse respeito algumas lições elucidativas.

### AS VIAS DE COMUNICAÇÃO

Para executar, nessa imensidade, os deslocamentos em grande escala que exige a guerra moderna, é necessário um sistema adequado de vias de comuni-

cação. Esta regra de ordem geral aparecia como um elemento de valor decisivo no caso da guerra planeada pelos chefes militares alemães, a guerra relâmpago, cujo êxito dependia da aptidão dos especializados, do efeito da surpresa e da rapidez dos movimentos.

O emprêgo de engenhos blindados e de meios de transporte motorizados implica a existência de estradas em bom estado, de fácil acesso e de utilização conveniente. A Rússia é um país onde as estradas escasseiam e os caminhos são, geralmente, difíceis, consequência inevitável da constituição geológica do terreno.

As ofensivas conduzidas a leste pela Wehrmacht repousaram sobre a capacidade de trabalho da sua organização de engenheiros e de especializados que se viram na necessidade de refundir os próprios fundamentos da circulação local. A tarefa que coube à organização Todt, e que ela realizou plenamente, deve considerar-se sem precedentes na história. Raras vezes, como no seu caso, a vontade do homem pôde dominar a adversidade e a oposição dos elementos.

O sistema ferroviário russo era deficiente e inadaptado às condições exigidas por uma ofensiva fulminante. A circunstância de ter uma bitola diversa daquela que era usada nos caminhos de ferro alemães complicava, ainda, essa dificuldade inicial. Isso não impediu porém que se fizesse uma obra paciente de adaptação em que a engenharia alemã e a sua técnica mais uma vez foram postas à prova com resultados plenamente satisfatórios. Mas é fácil avaliar a extensão das dificuldades que foi necessário vencer para adaptar, em certos casos, o material circulante à largura da via e para, em outros, construir linhas extensas, improvisando a sua adaptação ao terreno no meio de contrariedades que iam desde os rigores do tempo até à hostilidade das populações.

### A INFLUÊNCIA DO CLIMA

O sistema de comunicações, constituído pela larga bacia hidrográfica da Rússia e pelos seus lagos e mares interiores, funcionava numa forma geral em função das condições climáticas variáveis e mais frequentemente favoráveis ao defensor do que ao invasor.

Os rios extensos, largos e profundos, revelaram-se, quase sempre, apesar dos recursos da sua engenharia, mais difíceis de transpor para os alemães do que para os russos. A Wehrmacht deteve-se em frente do Volga. O exército soviético transpôs o Dnieper.

Os lagos das regiões setentrionais da Rússia foram eficazmente utilizados pelos defensores como meios de comunicação e vias de abastecimento nas quadras do ano propícias para isso. A resistência prolongada de Leninegrado beneficiou desse facto em proporções inesperadas, e que certamente não haviam sido previstas pelo Estado Maior alemão.

De qualquer maneira, era a influência do clima, traduzida pelas variações de temperatura, pelo aparecimento de gelos e de lamas, pela queda inesperada ou pela demora das chuvas que se faziam sentir quando se tratava de utilizar esse género de comunicações. Ora as variações a que nos referimos eram principalmente conhecidas pelos defensores, que estavam em condições de se adaptar a elas, por um largo treino e por uma tradição secular.

Assim, os métodos de guerra dos beligerantes apareceram directamente influenciados por factores que, dum lado, tinham sido rigorosamente estudados, e do outro haviam sido incomple-



Em Rostov, a luta atingiu dias de tremendos corpo-a-corpo. As ruas transformaram-se em cemitério de vidas, campo de emboscadas e trincheiras improvisadas.

tamente previstas. É evidente que as operações da Wehrmacht, na Rússia, se não desencadearam sem um estudo prévio das dificuldades que o tempo não deixaria de opor à sua acção. Mas os factos demonstraram que esse estudo, que em certos aspectos foi defeituoso, noutros se revelou insuficiente para as exigências da luta.

## O INVERNO RUSSO

O inverno russo que fulminou as forças napoleónicas e liquidou a grande aventura guerreira da França no começo do século passado, não liquidou, ao contrário do que seria lícito prever, o esforço da máquina militar alemã a Jeste. A Wehrmacht suportou já duas campanhas de inverno e encontra-se em vésperas de suportar a terceira. Isto fala com suficiente eloquência da grandeza das energias dispendidas e do engenho posto ao serviço da acção militar alemã.

Mas seria errado acrescentar que o inverno russo não exerceu bastante influência na marcha das operações e nas suas perspectivas actuais, possivelmente na decisão da luta. O início da primeira campanha de inverno na Rússia coincidiu com os apelos dos organismos de propaganda do Reich para que fossem enviados para a frente de batalha todos os abafos disponíveis no interior do país.

Que significado deveria ser atribuído a esses apelos? Os factos não tardaram a revelar que, efectivamente, essa campanha de inverno não havia sido convenientemente preparada, o que apareceu confirmado nos discursos proferidos, durante a primavera de 1942, pelo próprio Führer e pelo seu mais directo colaborador, o marechal Goering.

Mas não foi só no tocante aos abafos e às restantes exigências dos soldados que os efeitos da primeira campanha de inverno se fizeram sentir no conjunto da luta. A Wehrmacht, pessoal e material, foi obrigada a um verdadeiro período de hibernação prolongada que se revelou incompatível com a concepção da guerra relâmpago. Os motores gelaram, os corpos paralisaram, as vias de comunicação deixaram de funcionar. Em 7 de Dezembro, data em que o Japão entrou no conflito, o comunicado oficial do Grande Quartel Alemão revelava até que ponto o inverno constituía, na guerra, um factor inelutável que a vontade dos homens não podia dominar inteiramente ao anunciar: «De futuro, as operações na frente leste passam a estar dependentes das condições e das variações climáticas.»

## AS REGIÕES FRONTEIRIÇAS

Da configuração geográfica das zonas da fronteira que delimitava os dois países dependia, em grande parte, a evolução da campanha na sua fase inicial. Essas zonas podiam dividir-se em três grupos: a região confinante com a Finlândia, a região compreendida entre Leninegrado e Moscovo (limites aproximados) e a região ao sul da capital.

Na primeira destas regiões a influência do clima era o factor predominante na condução da luta, pois só em determinados períodos do ano, relativamente curtos, é possível fazer manobrar nelas forças militares mesmo assim de importância sempre relativa.

Nessa região é possível considerar duas possibilidades estratégicas: uma invasão aproveitando, a partir do istmo da Carélia, a fresta de Leninegrado que, em todos os tempos, se revelou particularmente vulnerável, e um ataque aos portos do norte da Rússia (Murmansk e Arcangel) e ao núcleo de comunicações terrestres que os servem (onde o ponto crucial é o entroncamento de Sorokka).

Os russos consideraram oportunamente a existência do primeiro destes perigos e foi essa a razão verdadeira por que fizeram contra a Finlândia a guerra preventiva que se desenrolou entre Dezembro de 1939 e Março de 1940, isto é numa altura em que o Reich ainda se não havia desembaraçado das suas dificuldades a ocidente.

O ataque aos portos do Mar de Barentz e do Mar Branco foi tentado frequentes vezes, mas sem resultados definitivos. Durante uma grande parte da campanha da Rússia, esses portos serviram para abastecer a máquina militar russa em proporções que aumentavam inesperadamente a sua capacidade de resistência. Mas tanto Arcangel como Murmansk continuaram em poder dos russos. O mesmo aconteceu ao entroncamento de Sorokka que, a partir de certo momento, se tornou o alvo preferido dos ataques alemães sem que estes conduzissem à sua ocupação. Deve dizer-se que o desenvolvimento da campanha nesta região foi influenciado pela concepção finlandesa de fazer uma guerra defensiva.

## A IMPORTÂNCIA DE MOSCOVO

A região fronteiriça que assegurava a defesa, a distância, da capital da Rússia, era particularmente vulnerável. nenhuns acidentes orográficos, o que de resto pode afirmar-se em relação ao conjunto do território russo, de importância estratégica. Os acidentes hidrográficos só por si eram insuficientes para garantir uma defesa eficaz contra o assalto

O Dnieper, corado de pontes excelentes, representou desde logo um papel importante na marcha das operações. Sem deixar de cumprir a sua missão histórica, o grande rio serviu de trampolim ao invasor, para depois representar os mais graves problemas para a retirada alemã.



Hitler segue atentamente os planos que Goering vai traçando sobre o mapa.

duma poderosa máquina militar que tinha ao seu serviço os mais modernos recursos da engenharia e da administração.

E Moscovo foi, desde o início, o verdadeiro objectivo dos atacantes. Compreende-se que, uma vez alcançado esse objectivo, o poder político dos soviets seria posto em causa e com ele a eficiência do instrumento militar que ele cria e que se encontrava ao seu serviço. Depois de alcançado seria possível continuar a luta mas em condições completamente diferentes para os russos.

A capital aparecia, assim, simultaneamente nos planos do Estado Maior alemão como um objectivo ao mesmo tempo político e militar, cuja posse decidiria do resultado da campanha ao menos durante um largo período. Foi por isso que em direcção a ela se encaminharam todos os esforços e tódas as energias do Reich, durante o primeiro período da luta gigantesca em que se envolveu.

O facto de a Wehrmacht ter chegado a algumas dezenas de quilómetros da capital soviética, em Novembro de 1941, diz suficientemente da vulnerabilidade da região fronteiriça que devia acautelá-la. Quando se remeteram à defensiva, em consequência das vicissitudes da luta, os alemães sentiram dificuldades idênticas àquelas que os russos haviam experimentado e procuraram aplicar-lhe um remédio idêntico recorrendo à construção de sistemas fortificados.

Os russos criaram a linha Estaline, os alemães fizeram a rede de «ouriços» que, em seguida ao inverno de 1941, contribuiu poderosamente para deter o potencial ofensivo dos seus adversários.

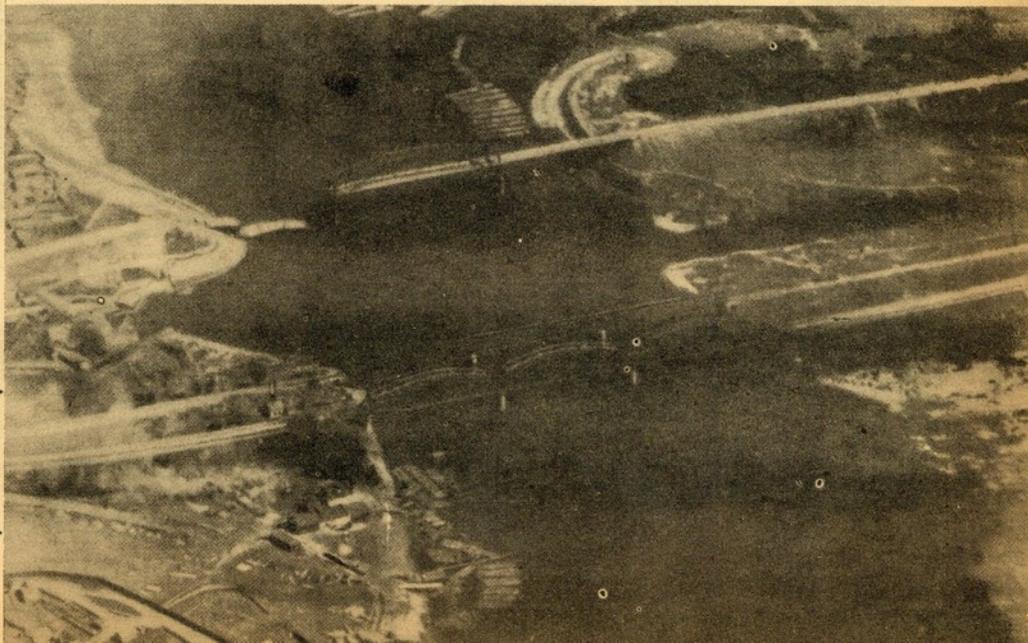
## AS FRONTEIRAS AO SUL

A região do sul é cortada de rios de incontestável importância geográfica e estratégica. O Dniester, o Bug, o Dnieper apareceram com uma frequência reveladora nos comunicados oficiais dos beligerantes. E depois deles o Donetz e o Volga, já mais para o interior do país.

A luta no sul foi, no decurso de toda a campanha, um «ersatz» a que a Wehrmacht recorreu quando não foi possível alcançar uma decisão na região de Moscovo. Nela se acumulam os objectivos económicos, mas a sua importância militar, e sobretudo política, é relativa.

Mesmo que os alemães tivessem conseguido ocupar Estalinegrado, que de resto ficou reduzida a um montão de ruínas, a luta teria continuado com a mesma intensidade pois o grosso das forças soviéticas e a sede da sua acção, o

(Continua na pág. 26)



**CLIPER'S**  
Apresenta a brilhantina sólida para cavalheiros novidade em Portugal em

**5 CÔRES**

A brilhantina usada pelos artistas de Cinema. Especialmente preparada para fotografia. FAÇA HOJE MESMO ESTA EXPERIENCIA. PENTEIE-SE COM A BRILHANTINA «CORREDOR» tradução portuguesa da marca de exportação

«CLIPER»  
e em seguida tire uma fotografia e veja como o penteado se destaca de uma forma especial

**INCOLOR**  
PARA TODOS OS CABELOS  
BOIÃO 16\$00

Côr Tírone para cabelos pretos  
Côr Gable para cabelos castanhos  
Côr Douglas para cabelos louros ou claros  
Côr Barrymore para cabelos brancos ou grisalhos

A venda em todas as boas casas

**APRENDA RADIO**  
Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil  
Peca folhetos grátis á  
**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**  
AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

# HISTORIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 19)

cérebro pensante e os membros actuantes da máquina militar soviética, não se encontravam ali.

A utilização dos rios para fins estratégicos revelou-se, como dissemos, mais favorável para os defensores do que para os atacantes. O mesmo pode dizer-se do Mar Negro, importante acidente geográfico ao sul do território russo. A existência duma esquadra soviética nesse mar constituiu uma vantagem incalculável para o comando soviético, especialmente pela acção retardadora que ela pôde desempenhar quando dos ataques e da ocupação da Crimeia pela Wehrmacht.

O trigo da Ucrânia, o petróleo do Cáucaso, o minério da bacia do Donetz, eram incontestavelmente objectivos aliciantes. Mas nenhum d'elles, mesmo alcançado sem perdas sensíveis, podia considerar-se decisivo sob o ponto de vista estratégico. A sua perda podia ser oportunamente compensada pelo próprio esforço russo e pelo auxílio dos seus aliados.

Alcançando-os, o Reich ficaria em condições de prolongar a campanha militar. Não estava em condições de a decidir. Foi isso que, de resto, ficou exuberantemente demonstrado no final da offensiva de verão de 1942, em que a Wehrmacht alcançou a maior parte d'esses objectivos sem que, por isso, tivesse alcançado um decisão estratégica. E que, entretanto, as suas indústrias de guerra, ou pelo menos uma parte delas, havia sido deslocada para outros pontos situados no interior do país em zonas praticamente inacessíveis e a corrente de abastecimentos anglo-americanos, sobretudo desde que os Estados Unidos entraram plenamente na luta, transformou-se num verdadeiro caudal depois que, na primavera de 1943, a campanha submarina, conduzida sob a direcção do almirante Doenitz, se malogrou perante as medidas defensivas adoptadas em conjunto pelos países anglo-saxónicos.

Resumindo: o ponto onde era necessário alcançar rapidamente uma decisão era aquêle que, sob o ponto de vista estratégico, se apresentava mais favorável para os alemães, dada a vulnerabilidade das zonas fronteiriças e das regiões interiores que lhe correspondiam, as quais estavam desprovidas de obstáculos materiais ou de accidentes geográficos de valia. Nessas condições foram os obstáculos artificiais (sistema de fortificações), o engenho dos homens e o valor profissional da sua máquina militar, que tiveram de ser largamente utilizados pelos defensores para impedirem que a invasão se liquidasse pela vitória total das armas alemãs.

(Continua)

**MODELOS EM PELES**

65 R. RETROZEIROS APT. 21004

pelaria pampas

ESTE NÚMERO DE VIDA MUNDIAL ILUSTRADA FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE BERTRAND (IRMÃOS), L.<sup>da</sup>, TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Nasceu uma "estrela" para a "Menina da Rádio"!

(Continuação da pág. 11)

e simpatia; sorriso aberto, dentes bônitos, voz de timbre agradabilíssimo, Maria Eugénia Rodrigues Branco, chegou no momento oportuno, nas vésperas dos inícios das filmagens, sobrepondo-se, definitivamente, de forma real e indiscutível, a quantas haviam desfilar, até então, perante Artur Duarte.

O mais curioso é que Maria Eugénia tinha enviado, há muito tempo, o seu retrato, como pretendente a um pequeno papel na «Menina da Rádio». Simplesmente, o retrato, tirado há mais de dois anos, apresentava-a como garota que era. No entanto, Artur Duarte quis vê-la. Por trás da fotografia havia uma indicação: recomendada pelo maestro Jaime Mendes». Duarte procurou-o. Jaime Mendes explicou-lhe de quem se tratava: Maria Eugénia era filha do seu colega Branco, violinista e componente da Banda da G. N. R.

E foi assim que Maria Eugénia se apresentou certa tarde, no São Luís, para se sujeitar às primeiras provas. Trauteou ao piano «Sonho de Amor», a canção que é o «leit-motiv» do novo filme português, representou com Fernando Ribeiro uma pequena cena — esboçando todos os presentes com a facilidade e a perfeição do desempenho. Não havia dúvidas! Tinha nascido uma estrela.

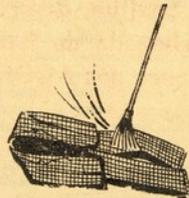
### NASCEU UMA ESTRELA!

Maria Eugénia, como os povos felizes, não tem história. Faz no dia 1 de Abril os seus dezassete anos. Estudou, como todas as raparigas. Começou a aprender música, mas — diz-nos o pai — «Santos de casa não fazem milagres... É uma das mais diletas alunas do Professor de canto D. Fernando de Almeida.

As suas palestras para a «Vida Mundial Ilustrada» ilustram só por si, a sua maneira de ser:

— Gostaria que se fizessem muitos filmes em Portugal, para que todas as raparigas que, como eu, sonham com o Cinema, todas as que desfilarão, antes de mim, para tentar a sorte na «Menina da Rádio». pudes-

É uma verdadeira limpeza...



...graças ao

### CASULO Limpa-Fatos

o já célebre e revolucionário produto que torna os fatos como novos e mais duráveis: elimina-lhes lustro, nódoas, mau cheiro, desinfecta-os e limpa-os.

Síntese maravilhosa de 6 substâncias químicas inofensivas, actua sobre os tecidos renovando-os.

Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de soluto.

Em todas as drogas

REVENDA:

Schroeter & Almeida  
Rua da Madalena,  
128, 2.º — LISBOA



### Feliz Ferrão LOTARIAS

A casa mais feliz no norte do país  
RUA FERNANDES TOMAZ, 863  
(Próximo ao Bom Jardim)  
Telefone 9005 — PORTO

sem sentir a alegria que eu sinto, realizando a maior ambição da minha vida!

Maria Eugénia vai começar a sua carreira! Que o Destino a conduza suavemente pelo melhor caminho e lhe conceda generosamente os melhores triunfos!

A «Menina da Rádio» é finalmente uma realidade!

TELEF. — 2 0244  
TELEG.—PAPELCAR

Papelaria  
**Carlos**  
de Carlos Jerzeira, L.<sup>da</sup>

SECÇÕES DE  
VALORES/ELADQ/  
E TABACARIA

ESPECIALIDADE  
EM LIVROS PARA  
ESCRITURAÇÃO  
CORRESPOND.

RUA DO OURO,  
LISBOA

GRANDE SUPLENTE  
DE ARTIGOS PARA  
DESENHO  
E ESCULTURA

## Quando "A Nação" fez rei de Bragança... o presidente Manuel d'Arriaga



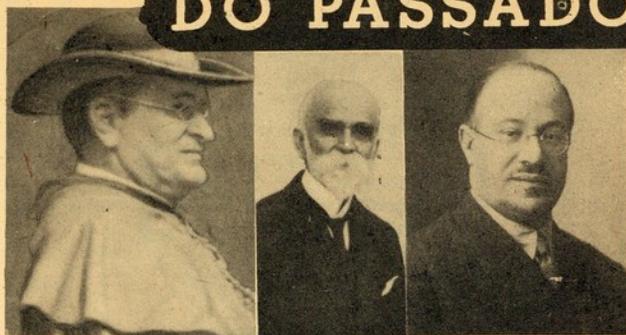
n.º duzentos e tantos de Hugo Capeto... Que, portanto, ao elegê-lo para a presidência da República, a Assembléa Nacional Constituinte proclamava, simultaneamente, a incompatibilidade desse Capeto e, daí, Orleans, Bragança, etc., etc., com o cargo, devendo cumprir-se a lei recém-feita e expulsar o Chefe de Estado cuja vida inteira de sacrifícios, abnegações anónimas e puro desinteresse de republicano mereciam um pouco mais de consideração ao virulento diário monárquico.

O caso, ao parecer anedótico, acarretou, a João Franco Monteiro, alguns desgostos. Por muitos glóbulos brigantinos que houvesse nas veias do presidente-eleito, a sua pessoa era indiscutível. E, realidade jurídica, omnipotente, enquanto durasse o seu mandato, não o poderiam pôr na fronteira com dois polícias ao lado.

Não se importava com esses pequenos pormenores o director do órgão miguelino. O que lhe interessava, o «efeito», estava obtido.

Naquela tarde, a «Nação» vendeu uns milhares de exemplares, saindo da penumbra dos conventuaes de Évora-Monte para o borborinho alegre da capital. Os quatro vinténs que custava a João Franco Monteiro o jornal estavam salvos para um par de anos. O resto, que importava? Tanto se lhe dava como se lhe deu... Estava na tradição barulhenta e arrabalhada da causa que servia: serem os conservadores demagogos e os revolucionários gentes pacíficas, melifluas, incapazes, aparentemente, de quebrar um prato.

Já lá vai, no rodar do tempo, este episódio de há seus trinta e dois, caminho de trinta e três anos. Ainda sentimos as mãos, úmidas da tinta de impressão, desse número retumbante e prodigioso do Jrgão da ordem a quebrar-pratos... C.



## QUANDO O "MUNDO" FEZ "PAPA" O CARDEAL NETO...

COMO todos os crimes, este fêz-se durante a noite. E foi seu promotor o nosso colega Urbano Rodrigues, a esses tempos um rapazote genial, fãscante, mas... precipitado.

Já então o caracterizava o mesmo ar ingénio e importante com que, hoje ainda, percorre todos os centros elegantes; o mesmo estilo, leve e incisivo; a mesma graça pueril e internacional com que cativa os corações, enovela o mais empolgante dos romances ou se dilata, indiferentemente, até aos Balcanos ou a Marrocos.

Muito culto, poliglota, «bom rapaz» na aceção democrática do termo, destacou-se entre os outros redactores de «O Mundo», e as suas reportagens fizeram época. A campanha pró-implantação do novo regime estava no auge. Urbano Rodrigues fêz boa figura em todas elas e Afonso Costa nomeou-o chefe de protocolo do parlamento de 1911.

Os bispos haviam protestado contra os excessos da Lei de Separação da Igreja do Estado. O cardeal Neto, patriarca de Lisboa, franciscano veneradíssimo, missionário toda a sua vida emigrara para Tui e, ali, à sombra da milenária catedral, consumiria os últimos dias.

Entre a Imprensa destacava-se, exagerando ainda mais o vozeiro anticlerical, apaganço da crítica da época «O Mundo». E o certo é que, dentro dessas circunstâncias especiais de ambiente interno, Bernardino Machado, Ministro dos Estrangeiros, buscava uma concordata, parecida com aquela que, anos depois, a sagacidade de Moura Pinto oblinha.

Já possuía o eminente catedrático a péra e o bigode brancos que o immortalizaram — de resto, aproximase, agora, o seu centésimo aniversário... — e bastava o seu nome consagrado para estarrecer qualquer aréopago. Havia notado, porém, a aparição sistemática no «Mundo» de notícias só dele conhecidas: ribombantes «caixas» de inexplicável procedência. Tão pouco Afonso Costa gostara daquelas indiscreções, tão imprudente e alterador dos costumes patriarcaes, cuja inalterada ordem pretendia o «governo provisório» consolidar...

Ignora a História das Pequenezes, se já se efectuara, entretanto, a mudança do Ministério dos Estrangeiros do Terreiro do Paço para as Necessidades. Mas, por não ser ponto de interesse para os sucessos do tempo, tanto faz. Importa assinalar, porém, que tudo impressionava o mercado dos valores e jamais dormia Bernardino Machado meia-hora seguida.

Quer fosse dia, quer profunda noite, a máxima comodidade que se permitia era uma manta inglesa no inverno para lhe tapar as pernas; um inverosímil guarda-pé feito de substância ignota mas fibrosa em qualquer estação; e as espessas sobranceiras a encobrirem o fulgor dos olhos. Dêstes, diziam os próprios porteiros do Ministério, fechava um enquanto abria o outro... Exageros de subalternos, de pretendentes, de intrigantes — é claro!

Morrera o Papa. O Sacro Colégio, em «sede vacante», reunira-se em conclave, rodeado de toda a misteriosa pompa que caracteriza essas reuniões. O cardeal Neto fôra até Roma, cumprir o seu dever; e havia semanas que a eminentíssima assembleia se via na impossibilidade de criar o novo papa.

Portugal, de relações cortadas com o Vaticano, tinha, no entanto, na sua Legação junto ao Quirinal, quem o

informasse da marcha dos acontecimentos. Por fim, a confusão foi tal que impossível era descortinar a qual dos cardiais poderia pertencer a tiara... O mundo católico, comovidíssimo, orava. Quantos acontecimentos dependiam do acerto na escolha!

Mas atreveuse a levantar uma penumbra do misterioso véu, a desceirar a lingueta da chave que fechara o «conclave» — a mão, não criminosa, mas jornalística, apressada, febril, que, nessa noite, descerrara a pasta do Ministro dos Estrangeiros — a dos telegramas cifrados, ultra-confidenciaes.

Ah, estavam — decifrados... Aquela era a canteira de onde, afanosamente, extrairia Urbano Rodrigues tantas «caixas» admiráveis. Aquêê despacho de Roma... o que seria?

E quasi caiu ao solo, fulminado de emoção. O Sacro Colégio elegera papa frei José dos Corações — o popularíssimo Cardeal Neto!

Poucas horas decorridas, a rotativa do «Mundo» inundava Lisboa com milhares e milhares de exemplares; a toda a largura da página, em deslumbrante e espalhafatoso cabeçalho lia-se, pouco mais ou menos, o seguinte:

Roma, às tantas horas... — O conclave, reunido há semanas, criou Papa o Cardinal Neto, patriarca de Lisboa. — Especial.

E, a seguir: Pela terceira vez, na História da Igreja Católica, é eleito um português. Cumprimentos S.S. o Cardinal Neto, cujas virtudes e prolongadas missões no ultramar muito hão-de valorizar a tiara pontificia. Ainda não se sabe, à hora a que escrevemos, o nome adoptado pelo novo Papa. Mas...

Seguia-se a biografia minuciosa do Cardinal-Patriarca de Lisboa e a dos dois papas portugueses. A estupefacção em Lisboa foi imensa, os telegramas vibraram no cabo submarino e nos fios, todas as capitais interrogavam, até a própria Roma, papal ou quirinal — surpreendidíssimas!

Bernardino Machado prometeu uma nota aclaratória...

— Deve ser um equívoco... Confusão com qualquer apontamento... Não pode deixar de ser... Já pedi à cifra nota do registro...

Nos jornais da noite lá vinha o comunicado, pouco mais ou menos assim:

— A presença do Cardinal Neto em Roma; a falta de comunicações directas entre este Ministério e o Vaticano; a prolongada duração do conclave; e a necessidade de aclarar determinados pontos da Lei de Separação tendentes a uma concordata, induziram um secretário do senhor Ministro da Justiça a fornecer, bastante precipitadamente, como notícia, o que era uma simples presunção. Tanto assim que, poucas horas depois, o conclave criava Papa S. Santidade Benedito XV, conforme telegrama oficial, etc., etc.

Uma vez saídos os estranhos, quando só se estava em famílias, o velho Bernardino Machado, cofiando o bigode e a péra, disse fãscantemente a Urbano Rodrigues:

— Espero que perca o amor às notícias em primeira mão... Não é verdade, meu querido amigo?

E assim foi — embora Urbano Rodrigues, vítima da malícia do velho liberal, tivesse cumprido, essencialmente, primordialmente, o seu dever de jornalista.

CONSIGLIERI SA PEREIRA

## Quando "El Liberal" de Sevilha, descreveu a chegada de Ramon Franco aos AÇORES:

PARTIRA, quasi de stúrpresa, de uma base andaluza pouco conhecida ainda. Sairase-beu da travessia do Atlântico-Sul, logo a seguir a Gago Coutinho e a Sacadura Cabral — por que não intentar, pois, a do Atlântico-Norte?

Ramon Franco intentara o vôo em plena inverno, e todos sabem que o mar dos Açores não brinca nem o material de que êle dispunha chegava para manobras complicadas. Partira a um sábado e, poucas horas decorridas, o diário sevilhano «El Liberal» publicava três páginas grandes, intermináveis, com todos os pormenores possíveis e imagináveis da «chegada». E estava, aparentemente, tudo certo: a descida, prevista já, na Horta; a comunicação para a Ilha Terceira desse acontecimento que emocionara as gentes tranqüilas do Faial; a ida das autoridades locais, os discursos trocados, os brindes, os telegramas do governo de Lisboa, recomendando o máximo auxilio aos aviadores «em nhôos próximos a arribar; tudo, tudo exactíssimo, ultra-lógico, perfeito.

Havia, no entanto, dois «mass» atentatórios dos créditos da verdade, em excessos inverosímeis de detalhes: Que, uma vez desembarcados, e como se nada mais tivessem a fazer, os tripulantes do avião, haviam passado a tarde a rubricar os álbuns das meninas da Horta nêles surgindo de tudo, desde poesias de Campoamor até frases heróicas — e que Ramon Franco, Rada e os outros dois companheiros depois de terem passado uma breve inspecção aos motores que substituíram os primeiros na segunda etapa, haviam ido dormir nos amplos aposentos postos à disposição dêles pelo governador de «la colónias»!



Era sábado, os rapazes do jornal queriam livrar-se de trabalhos e, como de costume, foram a qualquer coleção velha e recortaram a aventura o que lhes apetera.

No dia seguinte, domingo, nas «últimas», o «Século» preguntava:

— Que é feito do avião de Ramon Franco?

E, em segunda edição:

«Meia hora, depois de ter saído de Tablada, quando, de San Lucas de Barrameda, enfiava para o litoral do Algarve, um golpe de vento quebrava uma aza do avião que um barco inglês recolheu. Glorioso aviador e seus companheiros estão illesos».

Pois o mesmo «El Liberal» de Sevilha, na segunda-feira seguinte e com igual luxo de detalhes, publicava com a maior naturalidade, «a reportagem da chegada ao Guadalquivir, e à sua nobre capital, a esta nossa invicta terra de Maria Santíssima, dos vencedores dos Oceanos e de seus heróicos salvadores, os tripulantes do cargueiro X. Sua Majestade El-Rei encarregou o governador, senhor conde de Halcon, de agradecer aos nobres marinheiros, etc. e tal.

Inocentes equívocos são os nossos, portanto, ante êstes desvarios da imaginação meridional dos andaluzes...

S. P.



## As máquinas de escrever mais populares em Portugal!

Mais de 300.000 possuidores satisfeitos em todo o Mundo são o testemunho irrefutável da sua esmagadora superioridade!

Em Portugal mais de 5.000 unidades vendidas em poucos anos confirmam a suprema qualidade desta grande marca suíça.

Distribuidores em Portugal:

Sul: M. Simões, Jr., R. da Conceição, 46, 1.º — LISBOA  
 Norte: Araujo & Sobrinho, Sucrs., Largo de S. Domingos, 50 — PORTO



### EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas		
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7	WBOS	48,9
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7	WBOS	48,9
9,45					WKLJ	30,8	WBOS	25,3
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6	WGEO	19,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9	WRUL	19,5
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8				
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEA	25,3		
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5	WKLJ	30,8
20,45 a 21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)			
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8		
22,45					WKLJ	30,8		
23,45					WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas.

### EMISSIONES DIARIAS

# OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

### APRENDA LINGUAS



Com os cursos completos em

## DISCOS

O ensino mais rápido, perfeito e económico

Milhares de pessoas têm seguido este método com absoluto êxito. Não ha outro que permita em curto espaço de tempo, com pouco esforço e despesa minima, adquirir pronuncia impecavel, vocabulário abundante e pratico para falar e escrever correctamente.

DETALHES E DEMONSTRACOES

— NOS —

## EST. VALENTIM DE CARVALHO

Rua Nova do Almada, 97

# PASTA MEDICINAL

## Couto

CURA estomatites  
 TRATA as doenças da boca

# PAPYRUS

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



A venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correiros, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

# PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

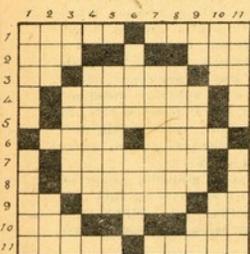
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DÁ BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

## PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

### PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.º 10

Por: Henrique das Neves Carneiro, Lisboa — da Federação Nacional dos Produtores de Trigo



ENUNCIADO

**Horizontais:** 1) Virtuosa; cor. 2) Intimo; nome de mulher. 3) Contração de pronomes; impor silêncio; artigo definido. 4) Aparelhos destinados a projectar num alvo cenas animadas. 5) Parque. 6) Anual; bagatela. 7) Adónio. 8) Braços de mar entre as ilhas ou bancos de areia. 9) Pessoa de fama e notoriedade; do Sol; artigo antigo. 10) Abundância; mas. 11) Causa aprazível no meio de outras que o não são; tosquilar.

**Verticais:** 1) Lugar; transparente. 2) Gosta; fecha as asas para descer mais depressa. 3) O ponto grave duma questão; estreito; artigo definido. 4) Armadilhas. 5) Idêntico. 6) Espaço que fica para o lado de lá; sem valor. 7) Remoção. 8) Infundir. 9) Nome da 2.ª letra do alfabeto; malas pequenas; artigo definido. 10) Prefixo designativo de ombro; idade. 11) Que não têm graduação; abrir sulcos.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9

**Horizontais:** 1) Desapoderada. 2) Amatalotei. 3) Nuga; amei; as. 4) Ila; flar; Obi. 5) Fa; ad; alam. 6) Irado; alcali. 7) Cenosa; atsil. 8) Amor; rã; za. 9) Dós; cibo; par. 10) Os; arar; maré. 11) Agonizarei. 12) Acrisilareis.

**Verticais:** 1) Danificadora. 2) Emularremo. 3) Saga; anos; ar. 4) Ata; odor; agi. 5) Pá; os; cros. 6) Olai; ariano. 7) Domada; Abril. 8) Eter; lá; za. 9) Rel; acto; mar. 10) Al; olas; pare. 11) Abalizarei. 12) Assimilareis.

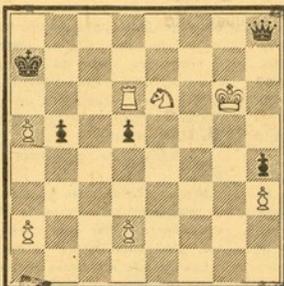
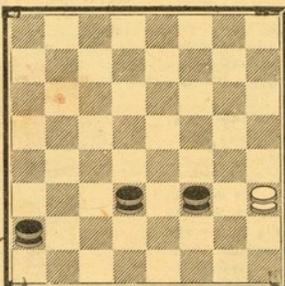
### DAMAS

Jogo disputado no Campeonato do Porto no dia 17 de Dezembro de 1943, entre os concorrentes sr. David José Quintas e João Pinto.

Quintas Brancas	Lances	Pinto Pretas
10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
11-15	3.º	32-28
5-10	4.º	28-23
10-13	5.º	21-18
6-11	6.º	18-14
11-18	7.º	26-21
2-6	8.º	21-14
6-10	9.º	15-5
1-10	10.º	25-21
7-11	11.º	21-17
12-16	12.º	19-12
8-15	13.º	29-25
3-7	14.º	23-20
16-23	15.º	27-20
7-12	16.º	25-21
12-16	17.º	31-27
16-23	18.º	27-20
4-7	19.º	30-27
10-14	20.º	17-10
14-19	21.º	22-18
19-23	22.º	27-22
23-28	23.º	10-5
28-31	24.º	5-1
9-13	25.º	18-9
31-25	26.º	1-32
25-21	27.º	9-5

Quintas Brancas	Lances	Pinto Pretas
21-17	28.º	5-2
17-3	29.º	2-9
7-12	30.º	9-31
3-17	31.º	31-9
17-3	32.º	32-23
12-16	33.º	9-5
3-17	34.º	23-32
16-23	35.º	32-8
17-21	36.º	8-22
21-25	37.º	22-29
25-18	38.º	5-32
18-13	39.º	29-25
11-15	40.º	25-29
13-27	41.º	29-12
27-16	42.º	12-3
16-30	43.º	32-19
30-21	44.º	24-20
21-11	45.º	20-16
11-18	46.º	16-12
18-4	47.º	12-8
4-18	48.º	8-4
18-31	49.º	3-6
31-9	50.º	6-15
9-31	51.º	15-8
31-27	52.º	4-11
27-31	53.º	19-10
31-9	54.º	

Posição do jogo ao 54.º lance das brancas.



Brancas

Jogam as brancas e ganham  
Solução do final N.º 5

1. T4C11, P8T (D); 2. T7C1, CXT; 3. P4C e ganha, pois o mate por ATC é inevitável. O cavalo impede à damas o acesso à casa ITD, dando mate.

### CHARADAS

Epitéticas

1) Cabeça que mal pensa, conduz sempre à desgraça. 2-3

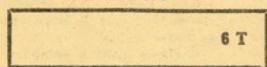
Lisboa Jim Joyce

Sinecopadas

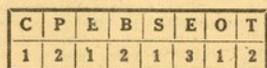
2) Sentir florir a mocidade, é sentir a alma estremer. 3-2

Porto Rei do Orco

Enigma Tipográfico



Provérbio a adivinhar



SOLUÇÕES DAS CHARADAS DO N.º 138

1) Pudor. 2) Pungente. 3) Intrémito. 4) Sentido. 5) Duvida. 6) Estudo.

CORRESPONDENCIA

Fernando Silva (Porto) — Aguardo resposta ao meu último postal. José Rodrigues Correia (Viseu) — Muito agradecido pela sua gentileza.

Assinatura ilegível (Lisboa) — Muito grato pelo seu reparo, quanto ao xadrez. Espero que me remeta nome e morada, pois precisava escrever-lhe.

## O quadro do Ventura

Por ZÉCO



— Este quadro, que devo apresentar no Salão deste ano, vai ser um sucesso pela sua originalidade...



— Diga-me, sr. Ventura, quem representa este seu quadro?!



— É o retrato das irmãs Vaquinhas, filhas do Carneiro Veado Vaquinhas...



— Como, se apenas vejo uma?!...  
— Basta pintar uma, porque são gêmeas!...

# Não Estrada sem Fim...

Novela de Fernando Alberto Pimentel — Ilustração de Stuart

**F**OI ela, aquela petizinha de faces coradas e redondas, de saia rodada e lenço atado à cabeça, que, numa linguagem simples e chã, me deu os dados imprecisos, sobre os quais eu construí este alinhavo, naquela tarde calma e fria de céu azul, em que a natureza ia despertando, e onde se espalhavam murmúrios vagos, e cânticos de cigarras, e pássaros novos esboçando intermitentes vãos — enquanto ela me pedia esmola timidamente.

Aquela aldeia encostada no vale, ao tempo verdejante e alegre, não tinha mais que dóze fogos bem contados, uma ponte pequena, sombras deliciosas espalhadas aqui e além e duas cisternas construídas em eras remotas do rei Henrique, quando na Península abundavam as hostes da moirama. No inverno, atochavam-se de água das chuvas que era aplicada pelo estio na rega dos campos esbraseados pelo sol. Ali, a vida era tranqüila, todos se davam e se saudavam mal rompia o sol. Vida patriarcal, longe do mundo e da civilização, pois ainda ali não passara um automóvel nem haviam chegado os jornais. Mal o vale clareava, todos iam de enxada ao ombro, faces batidas pela aragem fresca, para aquelas nésgas de terra que dos avós passavam para os filhos e dèstes para os netos. Com êles ia o Manuel do Azóio, marido da Georgina e pai da Maria, homem robusto e chefe de família exemplar.

Depois, enquanto êles mourejavam no campo, as mulheres ocupavam-se dos seus afazeres ou lavavam roupa no rio, discorrendo sobre a vida alheia, daqueles da outra aldeia para lá do monte, onde, de quando em quando, alguma delas ia abastecer-se em serviço de recova-gem para a comunidade. De vagos rumores se faziam grandes feitos, puros devaneios daqueles espíritos simples, esquecidos do mundo e esquecendo o mundo, vivendo entre hortas e cearas ubérrimas, águas cristalinas e céu azul, de longe a longe riscado por «Aquele avantesma negra», como se dizia no lugar, e que era o corvo que o doutor da quinta da Perdiga, uns quilómetros arredada, trouxera doutras terras. Antes do meio-dia, acendiam-se as lareiras e fumos cinzentos esparsos rompiam dos telhados de telha-nã, anunciando o amanhão do jantar. Depois, os homens voltavam para o campo, enquanto os garótos desciam ao pendor do vale, apascentando os rebanhos.

E de novo as mulheres, nas soleiras das portas, se punham a discorrer, consertando os trapos ou espiotando os filhos, até que as silhuetas dos maridos de novo se recortavam no viso do «Monte Pequeno», avivadas pelos derradeiros clarões do sol. A ceia era o momento mais agradável do dia. Sobre a mesa de pinho, vaporavam as malgas vidradas, donde rescendia o cheiro confortante do caldo verde ou das migas; e no bérço de pinho, construído pelo pai num domingo saudável, dorme a menina, cândida como uma flór, rosada como uma baba de beladonna.

Na lareira, as chamas dançando, traçam claros escuros nas paredes, contorcem-se, palpitam e morrem.

O pai tosqeneja e a Georgina afadiga-se a coser a camisa que lavou no rio. As candeias apagam-se quasi simultaneamente e a tranqüilidade redobra no vale onde o luar se derr-

ma, acariciando as fólhas dos choupos e a água do rio que corre de mansinho. Só no extremo do povoado, na taberna do João Maroto, filho do António de saudável memória, que morreu ao acabar de ceiar pantagruélicamente, a candeia se mantém acesa. Dois ou três homens caturram em volta da mesa, em frente dos cálices de bagaceira ou dos copos do tinto. O João Maroto vem-lhes fazer companhia, desatando a perna de pau que lhe substitue a que perdera desastadamente por ocasião duma desfolhada, em outra aldeia. Sentado num mócho de pinho, chupa a «beata» quasi apagada.

Lá fora, um ventinho fresco baloíça as cearas de trigo ou de milho...

Maria crescera e, uma vez por outra, saía com o pai, antes do sol nado, para ir à cidade, levar no burro — o Jacinto — o que a horta dava a mais. Ninguém morria de fome naquele povoado, onde só de quando em quando aparecia o Pisco, homem dos seus 60 anos, que vendia bufarinhas, coisas bonitas e baratas. Quando o Pisco assomava no alto do caminho, ajoujado com a banqueta, o mulherio juntava-se no adro a vê-lo descer do monte, com o tampo de vidro da banquetta, batido pelo sol, a cintilar a cada passada do bufarinheiro. E, uma vez chegado ao adro, aí começava o deslumbramento por tudo que o Pisco levava para as «atentars».

— Eh! «homem», por duas notas não é mal pago.

E o cordão de ouro, passara naquele momento para a mão da Maria do Eiró, e um raio de sol fé-lo rebrilhar num momento; ela dera em sua troca duas notas de quinhentos, produto duma grande e morosa economia. E, a partir dèsse momento, passara a ser guardado zelosamente por todos, como se fôsse a reserva de ouro da patriarcal comunidade. Semana a semana era examinado, e depois guardado sob a pedra da lareira, precaução que não era vã, pois que para outras bandas os larápios rondavam.

Nos celeiros, acumulava-se o trigo da última colheita, que fazia aquele pão delicioso e branco como as nùvens e que era cozido de oito em oito dias.

O «Jacinto» morrera um dia de velho, claro está; carpíram-no como se fôsse morte de homem, e a lástima fôra tão grande que, segundo o Pisco, os homens do outro povoado, para lá do «Monte Grande», o souberam.

O Manuel do Azóio roubara-o a morte um dia. Aquilo fôra maleita ruim, tomada em outras bandas, mesmo talvez na cidade, aonde fôra no inverno findo.

Com as primeiras chuvas de Abril os campos verdinhos, com salpicos de margaridas ou botões de ouro, mal despontados ainda, ofereciam lauto espectáculo aos olhos gulosos dum artista. Lágrimas correram na aldeia, e Maria mais a mãe ficaram sem homem que lhes ganhasse o pão.

E ela ia para o campo, de sachola ao ombro, tal qual, sem tirar nem pôr, o seu «homem», que Deus levava.

Parecia que a desgraça por ali, escondida nalgum tójo bravo, ou mesmo nas sombras dos choupos, pois um dia a terra secou e, teimando sempre, nem mais um grão de trigo rendeu. Todos se safaram um por um, ou família por família, mas as duas foram as úl-

timas a iniciar o caminho da estrada, como os outros já o haviam feito.

Mas teve que ser e lá foram, mendigando aqui e colá, dormindo onde calhava, calcureando campos esbraseados de sol, descansando à sombra das oliveiras, ou mesmo trabalhando onde havia que mourejar, entre gentes e olhares desconhecidos, numa vida verdadeiramente nómada. Dias e noites corriam iguais e a estrada não tinha fim. Subia e descia; ora cortava matas, em cujas sombras se acoitavam miragens estranhas, ora seguia direita como traço aberto naqueles campos ressequidos, num perder de vista, enquanto a Maria agarrada à saia rodada de sua mãe, se lastimava das pernas, pois tão fraquinhas elas eram, que parecia bruxedo ainda não se terem quebrado.

Então, pegava-lhe ao colo e, vergada sob o péso da desgraça, trilhava a estrada hostil, cujo termo parecia recuar e que, a pouco e pouco, as afastava daquele povoado sertanejo encastado no vale. Mas a esperança não a largou e um dia por aqui apareceu, mendigou e tornou a partir, em busca de nova vida, de outros horizontes, mas que, verdade seja dita, não eram tão bonitos como os outros, os do vale, que ficava para além...

Quanta poesia, quanta grandeza dispersa, como nùvem desfeita no vendaval da vida! Ela continuou o seu caminho pela estrada sem fim, onde tudo se perde, nessa ladeira dura de subir — a vida.

Maria vai crescendo nesta luta, vai criando energias; e, amanhã, ao longo da mesma estrada, caminhará só, faces queimadas pelo sol, gretadas pelo vento, cabelos sóitos e seios opulentos, neste eterno caminhar de todos aqueles que não têm lar.

E nunca mais souberam daquela aldeia do vale.



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844